

## Seminários de Psicologia e Direitos Humanos

De agosto a dezembro de 1999

### Promoção

Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP e Conselho Regional de Psicologia SP.

### Tema central

Reflexões sobre o Papel da Psicologia na Promoção dos Direitos Humanos.

### Local

Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP, Bloco Didático, Anfiteatro Lucien Lison.

Sempre às quintas-feiras, às 14h00.

Inscrições antecipadas são gratuitas.

### Informações e inscrições

no CRP: (16) 620-1377 e

na FFCLRP-USP: (16) 602-3793.

### Programação

- 19 | 08 Direitos Humanos – Panorama Histórico e Atualidade
- 26 | 08 Direitos Humanos no Cotidiano das Práticas Psicoterápicas
- 16 | 09 Família, Infância, Adolescência e Direitos Humanos
- 30 | 10 Direitos Humanos e Pesquisa em Psicologia
- 07 | 10 Sexualidade: Identidade e Direitos Humanos
- 21 | 10 Formação do Psicólogo e Direitos Humanos
- 11 | 11 Subjetividade, Contemporaneidade e Direitos Humanos
- 25 | 11 A intervenção junto a Pessoas Violadas nos seus Direitos
- 02 | 12 Direitos Humanos, Psicologia e Instituições

## SEMANA DA PSICOLOGIA NA CASA DO PSICÓLOGO

Período: 23/08 a 28/08

### PROGRAMA GRATUITO

Para Profissionais e Estudantes

#### • PALESTRAS E WORKSHOP GRATUITOS:

*Programa preliminar:* Testes informatizados; O papel do orientador profissional; O exercício da função na área de T&D; Como identificar a necessidade da dinâmica de grupo; O perfil do entrevistador; Recr. e Sel. para psicólogos e não-psicólogos - uma introdução; Apresentação dos principais testes e técnicas utilizadas na investigação clínica infantil; Psicodiagnóstico de Rorschach: novas tendências. **(Atenção: escolha a(s) palestra(s) de seu interesse e confirme sua presença antecipadamente.) Vagas limitadas. Solicite programação e horários.**

- VÁRIOS LIVROS EM PROMOÇÃO, INCLUINDO LANÇAMENTOS, COM 20% DE DESCONTO (DIVERSAS EDITORAS).
- SORTEIO DE BRINDES e muito mais!!!!

VOCÊ É NOSSO CONVIDADO ESPECIAL!

 **Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.**  
Rua Alves Guimarães, 436 - Pinheiros  
05410-000 São Paulo - SP  
Tel.: (11) 852-4633 Fax: (11) 3064-5392  
E-mail: casapsi@uol.com.br  
<http://www.casapsicologo.com.br>

## Curso de Especialização

Pós-Graduação lato sensu (360 h)

### Teorias da Psicanálise "Percurso em Psicanálise: Freud, Klein e Winnicott"

Início 25 de setembro de 1999

Aula Inaugural Renato Mezan

Convidado Especial Gilberto Safra

Professores

Luiz Alberto Hanns; Maria Cecília Corrêa de Faria; Renate Meyer Sanches; entre outros

Inscrições para o processo seletivo

10 de agosto a 09 de setembro de 1999

Informações

UNESP - Presidente Prudente

Rua Roberto Simonsen, 305

Telefone: (18) 221-5388 ramais 239 e 334

<http://www.prudente.unesp.br/pos/psicanalise>

psicanalise

e-mail: fabio@prudente.unesp.br

unesp



### Curso de Difusão Cultural (107 h)

#### Teorias Psicanalíticas: Freud e Klein

Início: 26 de setembro de 1999

Inscrições para seleção: 15/08 a 09/09

Informações: UNESP - Presidente Prudente

R. Roberto Simonsen, 305, Telefone: (18) 221-5388, ramais 239 e 334

fabio@prudente.unesp.br | [www.prudente.unesp.br/pos/psicanalise](http://www.prudente.unesp.br/pos/psicanalise)

unesp



### DISQFreud®

SP (011) 815-3344 BIP 6R29 / RJ (021) 442-2430

OBRAS COMPLETAS - NOVA EDIÇÃO - GARANTIA

PORTUGUÊS - 24 VOLUMES - EDITORA IMAGO

À VISTA R\$ 520,00 OU 4 X R\$ 150,00

ATENDEMOS EM TODO O BRASIL, ENTREGA EM DOMICÍLIO

## Complete sua formação em Psicologia na PUC/SP

A Faculdade de Psicologia está oferecendo cursos anuais seqüenciais, em várias modalidades de intervenção profissional, para psicólogos e alunos do 5º ano de psicologia.

Informações pelos telefones:

**3670-8155 / 8152**

Início das aulas em março de 2000.

Inscrição para seleção de 06/10 a 13/10/99.

Será fornecido certificado.

Além disso, a Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic continua oferecendo aprimoramento clínico-institucional em várias modalidades.

Informações pelos telefones:

**3670-8041 / 8040.**

# psi

jornal de psicologia  crp sp

ano 17 • número 117 • julho / agosto 1999

# Psicologia e compromisso social

02	<b>Editorial</b>	
	<b>Cartas</b>	
	<b>Comunicação</b>	A nova identidade visual e a nova sede do CRP SP
04	<b>Diálogos</b>	Hélio Guilhardi fala sobre behaviorismo radical
	<b>Especialização</b>	Psicologia do esporte ganha força
08	<b>Seminário</b>	Profissionais debaterão políticas públicas
	<b>Opinião</b>	A dupla face do delito adolescente
	<b>Sociedade</b>	Experiências bem-sucedidas de psicologia social
14	<b>Ambiente</b>	Entrevista com Gabriel Moser, especialista em psicologia ambiental
	<b>Memória</b>	A trajetória de psicólogos pioneiros
16	<b>Videoclube</b>	A violência contra a infância de "Como Nascem os Anjos"
	<b>Livros</b>	O novo trabalho de Radmila Zygouris
18	<b>Informática</b>	Psicoterapia pela Internet
	<b>Orientação</b>	Tire suas dúvidas sobre procedimentos profissionais
	<b>Notas</b>	
	<b>Agenda</b>	



**Conselho Regional de Psicologia SP**

**Psi Jornal de Psicologia CRP SP** é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

**Diretoria**

Presidente | Lumêna Almeida Castro Furtado  
Vice-presidente | Odair Furtado  
Secretário | Alexandre Nicolau Luccas  
Tesoureiro | Rogério Izidro Duran

**Conselheiros efetivos**

André Isnard Leonardi, Bronia Liebesny, Carmem Sílvia Taverna, Katia Rubio, Leliane Glosce Moreira, Odette de Godoy Pinheiro, Paulo Roberto de Camargo, Rachel Contrucci Alvim, Sandra Maria Sawaya, Vania Conselheiro Sequeira e Wanda Maria Junqueira Neves

**Conselheiros suplentes**

Ana Stella Álvares Cruz, Adalberto Botarelli, Carla Bertuol, Edinilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli, José Siqueira de Brito Lyra, Márcia Cabral Meireles, Maria Regina Namura, Mariângela Aoki, Milton Baldon, Rafaela Cocchiola, Sérgio Ozella, Sueli Pereira Pinto e Valéria Pereira

**Gerente geral** Diógenes Pepe

**Comissão de Comunicação**

Odair Furtado, Inez Guimarães Pistelli, Elizabeth Arouca, Katia Rubio, Elisa Sayeg, Rafaela Cocchiola, Vania Conselheiro Sequeira

**Jornalista responsável** Luís André do Prado (MTb 2212)

**Estagiária** Isabela de Moraes

**Revisão de textos** João Hélio de Moraes

**Fotos** Márcia Zoet, Agência Argos

**Projeto gráfico e editoração** Fonte Design (11) 822-9085

**Ilustrações** Gilberto Tomé

**Impressão** Padilla

**Tiragem** 42.000 exemplares

**Periodicidade** bimestral

**Sede CRP SP**

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América  
Cep 05410-020 São Paulo - SP  
Tel. (11) 3061-9494 Fax (11) 3061-0306

**E-mails**

Diretoria | [direcao@crpsp.org.br](mailto:direcao@crpsp.org.br)  
Informações | [info@crpsp.org.br](mailto:info@crpsp.org.br)  
Centro de Orientação | [orientacao@crpsp.org.br](mailto:orientacao@crpsp.org.br)  
Administração | [admin@crpsp.org.br](mailto:admin@crpsp.org.br)  
Jornal de Psicologia | [jornal@crpsp.org.br](mailto:jornal@crpsp.org.br)  
Site <http://www.crpsp.org.br>

## Verve

**“Qualquer debate sobre ideais de educação é vão e indiferente em comparação com este: que Auschwitz não se repita”**

T. W. Adorno, em “Educação após Auschwitz”, 1966

**“Não posso ser otimista e me distingo dos pessimistas unicamente porque o mal, a tolice e a loucura não me deixam fora de mim, pela simples razão de que eu já os havia, antecipadamente, incluído na estruturação do mundo”**

Sigmund Freud, 1915

**“A relação social no Brasil é idealmente escravagista, ou seja, a fantasia de possuir o outro como escravo invade completamente as relações sociais neste país”**

Contardo Calligaris – FSP, 22/4/1993

# Brasil, 500 anos de desigualdade social

500 anos do encontro das raças na construção da identidade de um povo marcado pela diversidade e riqueza cultural. 500 anos que viram se agravar a desigualdade social, colocando em lugares cada vez mais distantes o "ser brasileiro" do "ser cidadão". 500 anos que trazem o desafio de virarmos o milênio construindo um novo Brasil: um país onde haja lugar para a solidariedade, onde não seja tão penoso ser feliz, onde um cotidiano com qualidade de vida seja uma conquista de 160 milhões de habitantes e não apenas de uma minoria...

Olhando a história recente da nossa profissão, percebemos que esse desafio tem sido assumido cada vez mais pelo psicólogo no seu dia-a-dia profissional. Nos últimos anos, mais e mais psicólogos têm aberto a porta de seus consultórios para ganhar os espaços dos movimentos sociais, inventando novas possibilidades de intervenção nas situações de risco social, consolidando sua contribuição nas áreas de políticas públicas e abrindo novas frentes de participação. Hoje, pensar em direitos humanos na reconstrução de nosso tão desgastado tecido social é vislumbrar também

possibilidades concretas de contribuição da psicologia.

Na véspera desse nosso 27 de agosto, parece-nos verdadeiro poder dizer que o psicólogo está assumindo o compromisso social que lhe é exigido nessa virada de milênio. Pelo menos temos percebido um grande esforço coletivo nessa direção. Tomamos esse caminho sabendo que é longo, mas com a certeza de que não podemos mais ter a ingenuidade do descompromisso, em nome da assepsia técnica. Assim, nessa semana do 27 de agosto, teremos variadas atividades nas subseções e na sede do CRP em São Paulo, nas quais vamos refletir sobre nossa prática, debater nossas idéias e vamos nos encontrar lúdica e criativamente, festejando os nossos esforços cotidianos. De mesas-redondas a salas interativas, de videoclubes a festas, tendo como ponto alto a festa nacional na manhã do dia 27, poderemos estar juntos de muitas maneiras. Sua participação é fundamental para que cada atividade seja de fato um momento de encontro. Traga sua contribuição, seus questionamentos. Temos certeza de que juntos poderemos ajudar a prosperar o nosso compromisso com um Brasil melhor.

Em meio a toda essa festa, o CRP SP ganha endereço novo na Capital, passando a funcionar definitivamente na sede da Rua Arruda Alvim. Apesar de a gestão anterior ter inaugurado a nova sede em agosto de 1997, quando assumimos a direção do órgão, em fins de setembro de 1998, percebemos que faltavam muitos documentos para que fosse possível providenciar o "Habite-se" junto à prefeitura municipal. Muitas providências foram tomadas para que essa mudança pudesse ser efetivada, com a resolução desse e de vários outros problemas. Assim, um ano depois da primeira "inauguração", estamos de fato entregando a casa para uso do psicólogo.

Nesse período, procedemos uma reforma administrativa no CRP SP, objetivando dar maior agilidade e qualidade na relação do órgão com o psicólogo e na gerência dos recursos da categoria. Criamos um setor de atendimento e estamos investindo na capacitação dos funcionários. Desse modo, acreditamos estar neste momento entregando não apenas um novo espaço físico à categoria, mas construindo uma nova concepção de relacionamento da instituição com o psicólogo e com a sociedade.

## Cartas

### Ainda sobre mulheres

Psicóloga Noeliza Lima

Li sua resposta à missiva que enviei em abril. Incrível que um artigo/matéria fique sem resposta, porque considero-a vazia e totalmente desprovida de fundamentação, seja psicológica, seja em termos de razoabilidade. Deixei claríssimo que considero legítima a emancipação feminina, mas (...) sendo mais claro ainda: quem cuidará dos filhos gerados? Quem repassará amor, e segurança, e valores de discernimento, e... aos filhos gerados? Vamos prosseguir na terceirização dos nossos filhos? Observe que escrevi formação, e não educação, por ser esse termo muito amplo em sua conceituação/abrangência. O que foi escrito considero "encher lingüiça" (...). Essas questões me afligem e não encontro respostas convincentes.

Carlos Augusto Pereira, Santos, SP

Prezado Carlos Augusto

Não pense que tergiverso. O que ocorre é que seu questionamento não está centrado na defesa da cidadania, e sim em dúvidas pessoais suas acerca do papel da mulher, dos valores em mudança na sociedade em que vivemos e da consequência de tudo isso no comportamento dos jovens. Como meu objetivo nesse nosso jornal foi colocar em pauta um ponto de vista psicológico sobre mulheres que lutam pelos direitos humanos, e tendo sua mensagem um teor diverso, minha missão em relação a esse artigo termina aqui. Penso que talvez o CRP possa ajudá-lo a encontrar algum(a) profissional que discuta suas questões. Atenciosamente,

Noeliza Lima

### Práticas alternativas

Tenho observado algumas práticas que se tornaram comuns entre nossos colegas que parecem gerar dúvidas e mesmo descrédito na população quanto à nossa profissão. Refiro-me à crescente divulgação de serviços profissionais associados a práticas não definidas como ciên-

cia psicológica, como terapia de vidas passadas e receitas de florais de Bach, bem como práticas conhecidas como esotéricas (...). Veja-se, por exemplo, matéria publicada pela *Revista da Folha* em 30/5. O título, aliás, já é algo comum de se ouvir há muito tempo ("Psicologia rima com perfumaria"). (...) Refiro-me ainda à tendência de profissionais na formação de associações de cunho religioso ou filosófico para prestar serviços a pessoas de mesma crença. (...) Gostaria que esse Conselho avaliasse do ponto de vista ético essas questões e tomasse as medidas cabíveis, sempre no sentido de preservar a dignidade de nossa profissão e garantir o nível científico e ético de nossa prática profissional.

Leila Machado Coelho, SP

*O CRP SP enviou correspondência ao autor do artigo citado a respeito da inadequação da manchete. Endossamos plenamente sua posição, principalmente no que se refere aos prejuízos que tais práticas possam acarretar às pessoas desavisadas. Essa preocupação é de âmbito nacional e fundamenta as resoluções 10 e 11/97, além da Instrução Normativa 01/97, do CFP, frutos de discussões que envolveram toda a categoria. É tarefa nossa orientar e esclarecer os psicólogos que propõem serviços dessa natureza, usando o registro profissional, sobre o teor das mencionadas resoluções que podem eventualmente desconhecer. Após a orientação, se o psicólogo persistir no equívoco será passível de processo ético. Quanto a entidades religiosas, qualquer grupo tem direito de se associar de acordo com seu credo, conforme o artigo 5º da Constituição brasileira, para fins lícitos. Se, porventura, prestarem serviços psicológicos devem ter os seus objetivos claramente desvinculados dos anteriores e devem ser registradas enquanto tal no CRP. Esse registro só será concedido se ficar claro tratar-se de serviços profissionais, com um responsável técnico e respeitando o Código de Ética.*

Comissão de Orientação do CRP SP

### Homossexualidade

O tema preconceito chamou minha atenção e serviu como parâmetro para analisar o texto que trata da homossexualidade e a Resolução nº 1 do CFP e, assim, verificar as contradições claras e nem um pouco veladas sobre o que popularmente se chama de "direitos individuais" e "liberdade de expressão". Haja vista que os artigos 3º e 4º da Resolução ferem frontalmente os "direitos individuais de expressão" (...). Salvo melhor juízo, a Resolução do CFP mostra a necessidade não sei de quem de auto-afirmação diante dos chamados "grupos especiais", porque tenta exercer influência sobre o comportamento de profissionais que têm o direito, tanto como os homossexuais, de defenderem o que acreditam (...). O que os mentores da Resolução não viram foi que, ao editarem a Resolução, que ao meu ver é coercitiva, foram tão preconceituosos quanto aqueles a quem foi dirigida. (...) A Resolução me faz lembrar o que Jesus Cristo, em sua época, falou aos preconceituosos: "Ai de vós, escribas e fariseus! ...porque dais o dízimo de hortelã, do endro e do cominho, mas tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei, a justiça, a misericórdia e a fé; dáveis porém fazer estas coisas, sem omitir aquelas".

Edivaldo Pinheiro Negrão, SP

*A alegação do psicólogo parte de premissa equivocada, pois julga ser direito individual algo que é consenso científico. Não há no mundo atual constatação científica que possa validar o tratamento da homossexualidade como doença ou desvio comportamental. Tanto isso é fato que a própria Organização Mundial de Saúde, OMS, entidade cujas normas são referenciais para o mundo todo, eliminou-a já há bastante tempo do rol das enfermidades. É preciso cuidado para não se confundir crença e ética moral com ética profissional e científica. Os homossexuais, assim como os heterossexuais, podem necessitar de ajuda para resolver conflitos relacionados com suas escolhas sexuais, mas isso não significa que devam ser normalizados. A argumentação do psicólogo parece encontrar maior fundamento em crenças religiosas que na psicologia científica.*

# CRP SP de casa e cara novas

Ao comemorar no Dia do Psicólogo um ano de trabalho, a nova gestão do CRP SP transfere definitivamente a sede do órgão para novo endereço, no bairro do Jardim América, e estréia a nova programação gráfica deste jornal, que passa a se chamar Psi, Jornal de Psicologia CRP SP.

E, para completar, o Conselho lança sua nova identidade visual, substituindo a logomarca até agora em vigor, criada no início dos anos 80, constituída por um rosto de aspecto futurista e que não mais condizia com a comunicação desejada pela instituição.

Essas iniciativas simultâneas têm, evidentemente, um significado de renovação que não se limita ao aspecto plástico. Representam acima de tudo uma mudança de postura administrativa. O Conselho volta-se para a profissionalização de suas atividades, buscando a eficácia dos seus serviços e, principalmente, uma interação efetiva do órgão com a categoria e com a sociedade

## Conselho no Jardim América

A partir do dia 9 deste mês de agosto, o Conselho transfere-se definitivamente para a nova sede, localizada na Rua Arruda Alvim, entre as ruas Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio, no Jardim América. Com três andares e 1.094 metros quadrados de área construída, a nova sede oferece instalações mais confortáveis para o atendimento do psicólogo, dispondo de um amplo hall de entrada, que também será usado para abrigar exposições eventuais. Um auditório com capacidade para 120 lugares, equipado com projetor e telão, permitirá que se estabeleça uma agenda anual de eventos fixos e esporádicos. Há ainda, além do setor administrativo, um amplo salão que em breve abrigará o Espaço do Psicólogo, aberto para uso dos profissionais, dotado de biblioteca, videoteca e computadores ligados à Internet.



## Conselho Regional de Psicologia SP

### Identidade moderna e perene

O estudo para desenvolvimento da nova identidade visual do CRP SP, realizado pela Fonte Design, teve como ponto de partida a letra grega psy, símbolo internacional da psicologia. Essa opção não se deveu à tentativa de afirmação da tradição (quase sempre conservadora), mas à busca de um referencial perene, descartando-se o uso de imagens figurativas (caso da logomarca anterior), mais susceptíveis ao desgaste e às leituras óbvias. A partir do psy, foram elaborados vários ensaios gráficos com a forma circular, pela simplicidade e mobilidade de uso que oferece. Na forma final escolhida, o psy fende o círculo ao meio e o subdivide em quatro gomos, sugerindo movimentos de expansão e, ao mesmo tempo, concisão, num jogo de figura e fundo. O novo símbolo do CRP SP é simples e harmônico, o que lhe garante fácil visualização.

A tipologia definida para acompanhar a nova marca é a Meta, desenvolvida no início desta década pelos designers Ole Schäfer e Erik Spiekermann, extremamente versátil e com alto grau de legibilidade. As cores escolhidas para a nova logomarca são variações tonais que aliam o tradicional azul da psicologia e o vermelho, podendo ainda ser aplicada "em negativo" (a forma vazada sobre um fundo colorido), em relevo ou em uma única cor, como por exemplo em preto.

**Anote** na agenda:

Nova sede do CRPSP

Rua Arruda Alvim, 89,  
Jardim América,

São Paulo, SP

cep 05410-020

tel 3061-9494 fax 3061-0306

e-mail info@crpsp.org.br



# O ser humano à luz do seu comportamento

**Psicólogo clínico voltado para a terapia comportamental, Hélio José Guilhardi, 53 anos, nascido em Salto (SP), tem uma longa trajetória na pesquisa, terapia clínica e ensino de psicologia segundo o modelo de seleção do comportamento pelas conseqüências, com forte influência do pensador norte-americano B. F. Skinner (1904-1990). Mestre pela USP em Psicologia Experimental, é atualmente professor da PUC de Campinas e diretor do Instituto de Análise de Comportamento, também em Campinas, que se dedica ao atendimento clínico, à pesquisa e ao ensino da terapia comportamental. Nesta entrevista, ele fala do preconceito contra o behaviorismo, distingue a corrente radical da cognitiva e expõe seu método de terapia clínica. Guilhardi é entrevistado pelos psicólogos Roberto Alves Banaco, Tereza Maria de Azevedo Pires Sérió, Maria Amália Andery e Maly Delitti, todos ligados à PUC de São Paulo**

**Roberto Banaco** - *Começando por uma perspectiva histórica, por que a escolha da psicologia? E, sendo você uma pessoa tão "legal", por que a opção pelo behaviorismo radical? (risos)*

**Hélio Guilhardi** - O que determinou a escolha da psicologia foi o fato de eu morar numa cidade perto de Campinas, Salto, quando foi aberto um curso de Psicologia no ano em que eu ia prestar o vestibular. O porquê do behaviorismo foi na verdade fruto do trabalho de um professor que me marcou muito e que me deu muitas oportunidades de estudar de maneira privilegiada o behaviorismo. Trata-se do professor Luís Otávio. Como seu monitor, tive muita oportunidade de ter acesso a leituras, de ter diálogos bem pessoais e particulares com ele, e isso fez com que eu fosse entrando no behaviorismo de uma forma diferenciada. Descobri bem cedo o potencial da abordagem e bem cedo me livre também dos preconceitos que cercam essa posição teórica.

**Maria Amália Andery** - *Como foi para você sair da formação rígida de pesquisa e ir para a prática clínica?*

**Guilhardi** - Minha entrada na clínica foi bastante circunstancial. Toda a minha formação estava dirigida para me tornar um professor e um pesquisador. No entanto, quando eu estava no último ano da faculdade, houve ali uma ruptura política e todos os professores se demitiram. Eu, que estava com tudo programado para fazer o mestrado e doutoramento nos Estados Unidos e me preparar para ser um pesquisador e professor, de repente me vi desamparado, porque toda a equipe saiu. Um desses professores teve de se afastar da carreira acadêmica e, juntamente com alguns alunos, se voltou para a prática clínica. Esse foi o meu pontapé inicial. Logo em seguida, para minha felicidade, fui convidado pela professora Maria do Carmo Guedes para iniciar algumas atividades acadêmicas na PUC-SP. Então, tive duas oportunidades simultaneamente: de continuar na carreira acadêmica, via PUC-SP e de começar a prática clínica via esfacelamento da PUC de Campinas.

**Tereza Sérió** - *Sua carreira se compõe de quatro facetas: pesquisador, terapeuta clínico, estudioso da análise do comportamento e formador. Você enxerga isso ou a gente o está vendo de um jeito muito bom? (risos)*

**Guilhardi** - Acho que não tomei algumas decisões conscientemente. Elas foram se tornando conscientes à medida que fui me desenvolvendo. No início da minha formação, fui submetido a duas classes de contingências diferentes: as geradas pela comunidade acadêmica e as geradas pela comunidade do cliente. E como nós adotamos uma posição teórica que enfatiza que o comportamento é selecionado pelas suas conseqüências, acabei sendo levado a apresentar maior variabilidade de comportamentos adequados para cada comunidade. Meu processo é bastante particular; fui me afastando dos modelos disponíveis na literatura e nos centros acadêmicos. Não conseguia ser tecnicista, mecanicista, uma caixa vazia como se apregoava serem as leis do behaviorismo, porque eu lidava com gente que me cobrava: era sensível às solicitações tanto de um aluno que queria saber, como às de um cliente que precisava de ajuda.

**Maly Delitti** - *Hoje você é, para nós todos, um clínico. Com características muito especiais, mas um clínico. O que o levou a isso?*

**Guilhardi** - Eis uma questão para a qual eu não estou completamente consciente. Não saberia responder com exatidão a que contingências eu respondi. Pode parecer estranho para alguns, mas a atividade de pesquisador provê reforçadores extremamente importantes, mas a longo prazo, e o trabalho como clínico provê conseqüências a curto prazo. Isso pode ser uma rede de contingências à qual eu respondi. De qualquer maneira, nunca consegui deixar de responder às contingências produzidas pela universidade, tanto que a instituição em que trabalho não é tipicamente clínica, é um centro de formação. Realizamos pesquisa, cursos, promovemos eventos... Procuo dentro da clínica não me tornar apenas um "atendedor" de cliente, mas criar a possibilidade de formação e pesquisa.

**Tereza** - *Você vê alguma relação entre os caminhos que tomou e o modelo brasileiro da psicologia?*

**Guilhardi** - Uma das coisas que talvez tenham me movido nessa direção foi a possibilidade de responder a uma questão que os alunos freqüentemente me colocavam: o que fazer com essas informações conceituais e experimentais? A oportunidade que tive de trabalhar simultaneamente na universidade e na clínica me colocou numa posição privilegiada, podendo falar dos conceitos, princípios básicos, metodologia e ao mesmo tempo ilustrá-los com a minha vivência clínica. Fui percebendo que o behaviorismo, no seu início visto como uma proposta árida em termos de contribuição social, tinha a possibilidade de contribuir no nível da clínica. No nível de ensino, já havia experiências extremamente importantes, como o curso personalizado. Passando para outro nível de preocupação: qual é a minha contribuição para o behaviorismo num sentido mais amplo, mais abrangente? Ela se dá ao estimular alunos a aprenderem o behaviorismo... Acho que sou um caixeiro-viajante: aonde eu vou, levo os livros do Skinner e meu repertório comportamental para falar e ensinar, na busca não só da divulgação como da estimulação, para que algumas mentes - sendo mentalista (risos) - para que algumas pessoas possam dar continuidade a esse desenvolvimento.

**Maria Amália** - *Alguns analistas do comportamento modernos dizem que a análise do comportamento mudou quando o analista deixou de ser um modificador de comportamento e passou a ser um terapeuta. Que aconteceu nesse percurso?*

**Guilhardi** - Talvez, para a geração mais jovem, os termos "modificação de comportamento" e "terapia comportamental" não tenham o significado e o peso que tiveram para nós. Quando estava terminando a faculdade, isso nos idos de 70, havia uma divisão muito nítida entre os modificadores de comportamento, que eram aquelas pessoas que aplicavam os conhecimentos do behaviorismo e da ciência do comportamento (nem falávamos na época em behaviorismo radical) e o grupo que recebia uma influência maior de Hull, Pavlov e que fazia terapia comportamental, basicamente psiquiatras

americanos. Quando me formei e fui para a clínica, não tínhamos disponíveis modelos de atuação em clínica. Como que órfãos de um modelo, queríamos fazer uma terapia ligada à teoria de aprendizagem e que não fosse de natureza mentalista. O que na época estava mais perto da gente era o modelo da terapia comportamental de Wolpe; eram as técnicas de dessensibilização, de treino de assertividade. Nós tínhamos um duplo papel: por um lado, quando trabalhávamos com crianças ou numa instituição de deficientes, clientes mais próximos do modelo de modificação de comportamento, aplicávamos os princípios tal qual aprendíamos nos livros. Quando o cliente era adulto, na falta de um modelo do behaviorismo, apelávamos para as técnicas basicamente desenvolvidas por Wolpe. Essa era na verdade uma abordagem mecanicista, embora não tivéssemos consciência clara disso. Assim, nesse início, quando a situação permitia, éramos modificadores de comportamento; quando a situação se tornava mais complexa, faltava criatividade para extrair do behaviorismo a abordagem para uma terapia em consultório. A pressão para trabalhar em clínica tem uma importância histórica. Adotávamos, na época, o modelo médico de atendimento face a face, uma terapia basicamente verbal. Nas aulas, os alunos perguntavam: "Mas como é que se faz? Como é que se reforça o cliente? Dá balinha para ele? Como é que você pune o cliente?". Eles estavam transpondo conceitos básicos diretamente para a situação clínica. A essas perguntas eu não sabia responder; nenhum modelo estava disponível. Mas isso criava contingências para modificar o meu comportamento e criar variabilidade no repertório de atendimento clínico. Eu diria que nessa época ainda estávamos fortemente influenciados pelo modelo tradicional de atendimento de consultório.

“O behaviorismo concebe o ser humano como um organismo que se comporta e, ao se comportar, produz conseqüências, atua no ambiente. As transformações que provoca também o modificam, dando ao homem uma possibilidade imensa de intervenção no seu destino e na busca dos objetivos que ele almeja”

**Maly - E hoje?**

**Guilhardi** - O tempo passou e comecei a perceber que a simples aplicação de técnicas não funcionava. Comecei a não ser reforçado pela aplicação do modelo estrito da terapia comportamental. Uma parte dos colegas simplesmente abandonou a terapia comportamental. Outros, mais teimosos, continuaram aplicando as técnicas; menos psicólogos e mais tecnólogos, vamos chamar assim. Mas nós - e nesse ponto a universidade teve papel fundamental - continuamos tentando extrair do estudo alguma pista de como atuar. Skinner não foi um psicólogo clínico e acho que nem gostaria de ter sido. A proposta dele foi além de uma psicologia clínica. Mas os conhecimentos que ele desenvolveu e divulgou têm um potencial extraordinário para nos acolher em qualquer ambiente de trabalho e com praticamente qualquer tipo de pessoa que se queira trabalhar. Isso estava contido, e nós precisávamos abrir a casca do ovo e descobrir seu conteúdo. Fomos evoluindo e hoje fazemos uma psicologia clínica baseada no modelo do behaviorismo radical. Trabalhamos fazendo com que as contingências modelem, selecio-

nem os comportamentos dos clientes, e eles, por sua vez, geram contingências que selecionam, modelam nossos comportamentos. Eu diria que a nossa terapia adota o modelo de seleção do comportamento pelas suas conseqüências. Foi um longo caminho, e a terapia de hoje nem de perto se assemelha à dos primórdios; ganhou estrutura, funcionalidade, uma personalidade muito própria.

**Maria Amália - Qual é o diferencial? O que há de tão especial nesse modelo terapêutico?**

**Guilhardi** - Acho que é um modelo que permite ao estudioso saber com o que está lidando e saber lidar com o que quer lidar. Existe uma frase que eu repito sem cansar: temos que ser sujeitos e não objetos da nossa história. O behaviorismo concebe o ser humano como um organismo que se comporta e, ao se comportar, produz conseqüências, atua no ambiente. As transformações que provoca também o modificam, dando ao homem uma possibilidade imensa de intervenção no seu destino e na busca dos objetivos que ele almeja. Isso é o que mais me toca, essa possibilidade de me fazer sujeito da minha história e contribuir para que a história do meu grupo social, da nossa comunidade, também possa caminhar numa direção construtiva de crescimento.

**Maly - Como isso aparece na terapia?**

**Guilhardi** - Uma crítica que se faz ao behaviorismo é que ele teria uma atuação manipuladora. Uma manipulação daquele que detém o poder sobre o fraco. A visão que tenho é completamente oposta, e ela vem do próprio behaviorismo. A aquisição do conhecimento permite àquele que não o detinha vir a ser um indivíduo consciente e capaz de determinar seus próprios caminhos. Na terapia a gente fala sobre contingências, e contingência é uma palavra extremamente forte: é a possibilidade de você atuar e modificar o seu comportamento e o de outras pessoas. Infelizmente, na clínica, essa ajuda atinge um grupo muito pequeno, mas é uma forma de transformar o próprio behaviorismo através de um processo em experimentação.

**Roberto - Como é que uma terapia verbal consegue promover, no repertório comportamental de uma pessoa, mudanças para enfrentamento de problemas?**

**Guilhardi** - Podemos atuar em dois níveis. Uma possibilidade é a manipulação direta das contingências, na qual criam-se as contingências que modificam ou influenciam o comportamento; a outra é descrever contingências para o cliente. Acontece que a mera descrição não basta. O que fazemos ao descrever as contingências é permitir ao cliente visualizar quais são os determinantes de seu comportamento, tanto aqueles que o levam a sofrer como aqueles que lhe trazem satisfação e promovem o seu desenvol-

vimento. O ponto crítico é a estimulação para que essas contingências sejam testadas no cotidiano. Quando o indivíduo ouve uma descrição das contingências, está diante de uma hipótese que o terapeuta levanta, mas trata-se de uma hipótese testável. Não acreditamos que o comportamento seja autodeterminado, nem que tenha uma automanutenção. É determinado e mantido pelas contingências ambientais, que são de natureza física, química, biológica e principalmente comportamental. O comportamento é meio para produzir mais comportamento e alterar comportamento. Então, o segredo não está na verbalização, mas na possibilidade que a verbalização traz para que o indivíduo, consciente do que pode estar determinando suas ações, possa testar e, ao testar, comprovar ou refutar a possibilidade de ser aquela a contingência funcionalmente relevante. E, como conseqüência disso, influenciar para modificá-la.

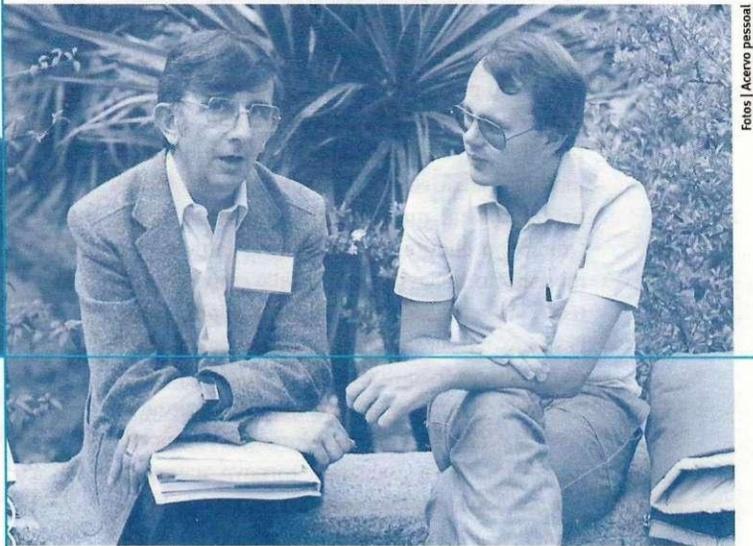
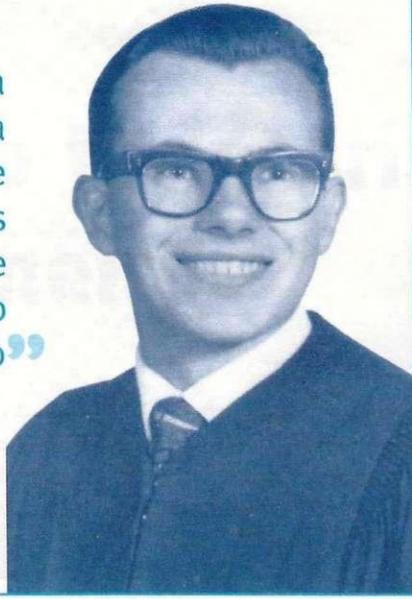
**Roberto - Como é que você encara os sentimentos, as emoções, numa abordagem como a que você está assumindo?**

**Guilhardi** - Os behavioristas de primeira viagem - vamos chamá-los de behavioristas metodológicos -, em nome de preocupações metodológicas, só atribuem importância aos eventos que podem ser observados por dois ou mais observadores, isto é, aos comportamentos públicos. Skinner não endossa essa proposta e entende que o mundo interno, os eventos privados também são objetos de estudo e passíveis de responder às mesmas leis do comportamento público. Nesse sentido, há um acolhimento àquilo que tradicionalmente chamamos de fantasias, pensamentos, imagens, sonhos e assim por diante. O behaviorismo radical os considera manifestações do organismo; são comportamentos como os públicos, respondem às mesmas leis. A única diferença entre o comportamento público e o privado está na acessibilidade de sua observação, não na sua natureza. E os sentimentos? Sobre os sentimentos, Skinner explica que são produtos das contingências: dadas as contingências, o organismo se comporta e sente. Nesse sentido, consideramos e podemos trabalhar com os sentimentos, a partir da possibilidade de trabalharmos com as contingências. As palavras que descrevem e se referem a sentimentos não são muito precisas, então não são confiáveis. Quando uma pessoa



Hélio Guilhardi, em entrevista no CRP SP

“Acho que a maior dificuldade na compreensão de Skinner está na dificuldade de nos desligarmos de conceitos mentalistas e adotarmos um novo paradigma de percepção e de compreensão do homem e do seu lugar no mundo”

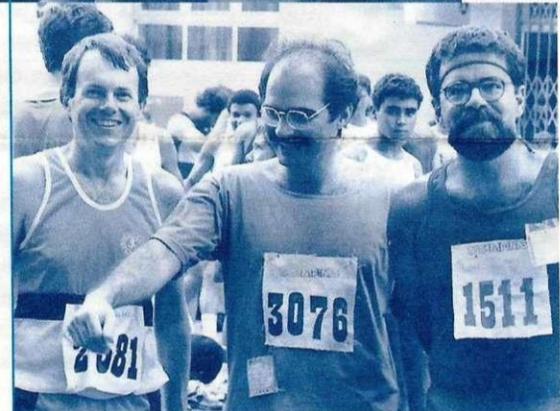
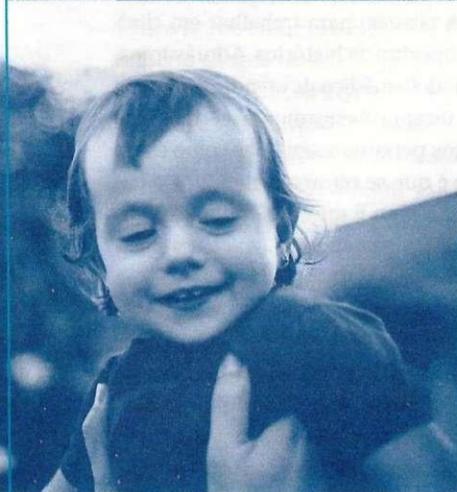


Fotos | Acervo pessoal

diz que está ansiosa, ou angustiada, ou deprimida, ou agitada pode estar se referindo a coisas muito parecidas ou completamente diferentes das que outra pessoa, usando as mesmas palavras, estaria descrevendo. O que importa é identificar as contingências que estão produzindo esses estados corporais aos quais as pessoas dão nomes de sentimentos.

**Roberto** - Existe uma análise de que o behaviorismo estaria perdendo espaço para uma associação entre behaviorismo e cognitivismo. Isso está acontecendo? Que diferenças você vê entre behaviorismo e cognitivismo?

**Guilhardi** - Partindo de um pressuposto de cooperação, vamos viver e deixar os outros viverem. A terapia comportamental cognitiva tem o direito de se propor, de fazer o seu trabalho - e o faz com seriedade. Porém, do meu ponto de vista, o behaviorismo radical e a terapia comportamental cognitiva são irreconciliáveis, porque partem de pressupostos completamente diferentes. O cognitivismo é mentalista e o behaviorismo radical, não. O que aproxima um do outro é a palavra comportamental, mas é muito pouco, porque se nós fôssemos discutir com um terapeuta comportamental cognitivo iríamos verificar que inclusive a definição de comportamento não vai coincidir. O cognitivismo é uma forma de mentalismo, de mecanicismo e atribui ao mental uma força causadora, iniciadora de outros comportamentos que não coincide com a maneira como o behaviorismo radical conceitua e trabalha o comportamento. O caminho não está numa síntese das duas propostas. Uma não enriquece a outra. Ambas merecem respeito, tendo pessoas sérias trabalhando e pesquisando, mas eu acho que o ecletismo que as coloca juntas é pernicioso. Cada qual tem uma maneira muito própria e diferente de ver o seu objeto de estudo. O behaviorismo radical



Hélio Guilhardi em 4 momentos: formando-se (1963), em congresso de psicologia com o dr. Peter Herzen (1972), com a filha Cristiana (1974) e em maratona em Campinas (1986)

tem crescido enquanto divulgação das suas possibilidades e do seu conteúdo e, embora seja uma matéria difícil e cercada de muito preconceito, depende do nosso trabalho mostrar o seu potencial. O behaviorismo é muito frequentemente acusado de ser pouco humano. O que nós queremos, na verdade, não é o desenvolvimento de comportamentos; queremos, ao desenvolver comportamentos, que as pessoas cresçam, se tornem mais felizes, mais integradas. Agora, as pessoas não são uma abstração: são organismos, são comportamentos públicos e encobertos, são sentimentos, cada qual merecendo um nível de análise, de estudo e de intervenção. O behaviorismo vê a pessoa como um todo, incluindo seu mundo interno - comportamentos e sentimentos - e aquilo que ela expressa publicamente. Uma pessoa que trabalha com o behaviorismo, conforme nós o entendemos, não evita, pelo contrário, promove a pessoa integral. ●

“O behaviorismo é muito frequentemente acusado de ser pouco humano. O que nós queremos, na verdade, não é o desenvolvimento de comportamentos; queremos, ao desenvolver comportamentos, que as pessoas cresçam, se tornem mais felizes, mais integradas”

### Próximo convidado de Diálogos: Isaías Pessotti

Ele é autor de romances premiados, como “Aqueles Cães Malditos de Arquelau”, e de uma série de estudos relevantes em psicologia, entre eles o título “A Loucura e as Épocas”. A gravação da entrevista com o psicólogo Isaías Pessotti acontecerá em Ribeirão Preto, cidade onde ele reside, no dia 26 de agosto, quinta-feira, às 20 horas. Informe-se sobre o local na subsede do CRP SP daquela cidade.

# Psicologia entra em (novo) campo

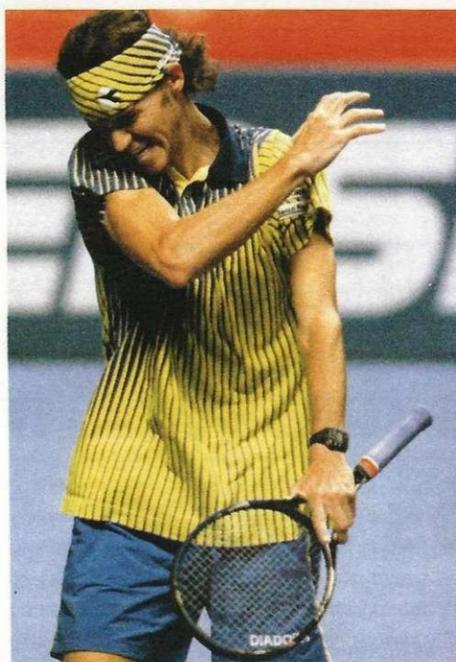
Ainda que o primeiro artigo sobre psicologia do esporte tenha sido publicado na Rússia há um século, essa especialização só ganhou importância no Brasil no início desta década. Apesar do atraso, os profissionais que optam pela carreira têm pela frente uma vantagem: o esporte é hoje uma área que movimenta grandes somas em dinheiro em todo o mundo. “A emergência da psicologia do esporte no Brasil nos últimos anos não é gratuita; ela acompanha o desenvolvimento do esporte no país. Há uma demanda crescente por profissionais que saibam integrar uma equipe multidisciplinar. Não há mais o ortopedista acompanhando determinada equipe, mas sim um grupo trabalhando em conjunto e integrado por médico, nutricionista, fisiologista, fisioterapeuta e, seguindo essa tendência, pelo psicólogo do esporte”, analisa Katia Rubio, coordenadora da recém-criada Comissão de Esportes do CRP SP. Apesar do desenvolvimento atual e das perspectivas animadoras, o psicólogo que opta pela área, além de ser raro, não tem ainda parâmetro salarial definido. Isso acontece porque esse profissional cada vez mais requisitado pelo mercado ainda não existia, está sendo formado agora.

Grande parte dos profissionais que têm produzido na área de psicologia do esporte é na verdade graduada em Educação Física, território no qual a disciplina vinha sendo ministrada há mais de 20 anos e que concentra a maior parte da bibliografia da área. Mas é fato que uma outra parte desse mercado é ocupada por psicólogos que, contudo, não têm formação específica para a área. “A psicologia do esporte requer um conhecimento que é próprio. Não temos divãs; temos quadras, piscinas, pistas, bancos de reservas. O que caracteriza o trabalho do psicólogo do esporte é a sua adequação a um ambiente que já existe. Daí a necessidade de o profissional conhecer as mazelas do esporte, tanto do ponto de vista da instituição quanto do fenômeno. O psicólogo que sai da graduação pensando que vai fazer psicologia do esporte está se enganando. Ele acabará levando para o esporte os referenciais da psicologia clínica, educacional ou de recursos humanos, que representam realidades diversas. Aqueles que se interessam pelo esporte devem buscar formação especializada, que é posterior à graduação”, afirma Katia.

Do ponto de vista técnico, os times profissionais costumam estudar seus adversários nos mínimos detalhes. Querem conhecer suas jogadas, seu posicionamento, suas táticas de jogo. Do ponto de vista psicológico, existe também a mesma possibilidade: pode-se estudar o comportamento do adversário e desse modo conhecer suas estratégias e fragilidades emocionais. Ainda que haja diferenças sensíveis entre as intervenções realizadas em esportes individuais e coletivos, a psicologia entra no campo esportivo para, no caso dos esportes que visam somente à vitória, os chamados de alto rendimento, preparar emocionalmente atletas e equipes. Se nos esportes coletivos o trabalho do psicólogo volta-se para o grupo e, conseqüentemente, para o vínculo, coesão e superação das dificuldades relacionais, nos individuais o trabalho concentra-se no sujeito e nas questões do autoconhecimento, atacando pontos como ansiedade, stress competitivo e superação de limites.

Para Regina Brandão, psicóloga que acompanhou a equipe brasileira masculina de vôlei que venceu as Olimpíadas de Barcelona em 1992, o trabalho do psicólogo do esporte em determinados casos é vital: “Num jogo de golfe, por exemplo, que pode durar até quatro horas e meia, o jogador bate na bola por apenas dez minutos. Nas quatro horas e 20 minutos restantes, caminha no campo. O jogador tem que aprender a usar esse tempo de forma positiva ou se desestruturar. O psicólogo é, então, uma peça-chave”. Regina enfatiza ainda a importância de fatores como a coesão no caso dos esportes coletivos: “Ela é o carro-chefe do trabalho do psicólogo. Não é simples fazer com que 30 pessoas, com objetivos individuais, unam-se por uma meta grupal maior. A dinâmica do grupo sempre cai quando os objetivos individuais ultrapassam o do conjunto”.

Além do trabalho com esportes de rendimento, que busca otimizar a performance numa equipe institucionalizada, o psicólogo do esporte pode ainda atuar no esporte escolar, recreativo e de reabilitação. Regina defende firmemente que a psicologia do esporte não se restrinja ao atleta profissional de alto nível. “Deve ser aplicada desde a base da pirâmide para que, ao chegar ao topo, o atleta tenha se iniciado dentro de um trabalho com acompanhamento psicológico. Isso evitaria muitos dos problemas que temos com alguns grandes jogadores, que revelam pouco equilíbrio emocional em determinadas situações. Se eles tivessem sido trabalhados desde os 10 anos, provavelmente, teriam outra cabeça.” ●



Gustavo Kuerten, o Guga, e jogadores do Flamengo e Corinthians em partida pelo Campeonato Nacional: disputas colocam atletas sob tensão permanente

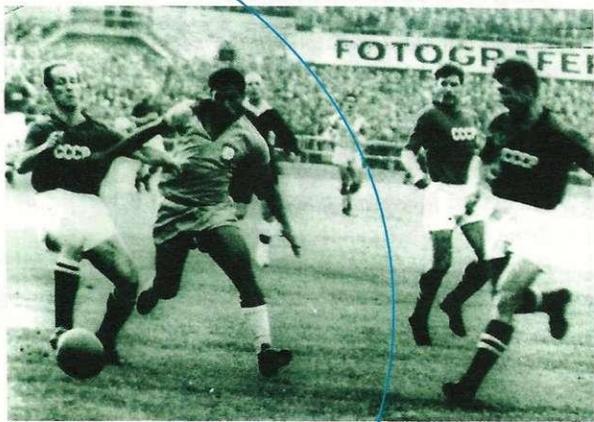
## Segmento deve se firmar de maneira fundamentada

Criada em maio deste ano, a Comissão de Esportes do CRP SP nasceu com o propósito de discutir e fundamentar questões pertinentes a sua área de atuação. “Nosso maior propósito é, por meio das discussões, fazer com que o segmento se firme de maneira efetiva e organizada. Essa estruturação deve ocorrer não somente do ponto de vista do conhecimento, mas da aplicação profissional também”, afirma a coordenadora Katia Rubio. As discussões têm girado em torno “da formação, do papel do profissional, do uso dos instrumentos e das questões éticas implicadas”.

Uma vez que parte dos profissionais que trabalham com a psicologia do esporte é formada em Educação Física, uma das metas da Comissão é trazer esse profissional para a mesa de discussões. “O psicólogo, na tentativa de reservar mercado, tenta restringir a psicologia do esporte para si. Isso é um problema, já que o fato de ele ser psicólogo não significa que seja um bom psicólogo do esporte. Não adianta querer reservar mercado, porque a questão é mais embaixo. Temos de nos aproximar dos nossos pares, pois o profissional da educação física possui um conhecimento que nós não temos. O trabalho conjunto é imprescindível”, considera Katia.

No âmbito da ética, as discussões da Comissão passam pela preocupação em se preservar a identidade do atleta. “Há profissionais neste setor que não estão respeitando esse princípio. Quando o psicólogo informa o resultado de um teste para um técnico, tem de observar o Código de Ética e analisar se o que está fazendo é condizente”, ela comenta. Outra questão relaciona-se ao uso dos instrumentos de avaliação. Alguns psicólogos estão utilizando nesse trabalho instrumentos específicos de outras áreas, como educação e RH. Esse emprego da avaliação não pode ser aleatório: “É preciso saber de que forma serve ao atleta, à comissão técnica e ao clube”. A Comissão de Esportes realiza reuniões periódicas na sede do CRP, e os profissionais interessados em contatá-la devem obter informações na Secretaria do Conselho.





Garrincha (no alto) e Pelé na Copa de 58: limítrofe e imaturo dão show de bola

Fotos | Agência Estado

### As cabeças por trás da bola

A demora para que a psicologia do esporte conquistasse maior espaço no país do futebol tem lá suas lendas, como tudo que envolve esse esporte mítico por aqui. Conta-se que durante os preparativos para a Copa do Mundo de 1958, sediada na Suécia, a CBD, então presidida por Paulo Machado de Carvalho, que era também dono da Rádio e TV Record, decidiu profissionalizar a Seleção Canarinho montando uma equipe técnica de primeira linha que incluía especialistas de diversas áreas, entre eles um psicólogo. O escolhido foi João Carvalhais, que chegou a trabalhar 19 anos com o São Paulo Futebol Clube. O relato que vem a seguir deve levar em consideração a história da própria psicologia, na época ainda marcada por avaliações psicológicas tecnicistas, procedentes principalmente dos EUA, caracterizadas pela aplicação de testes que mediam, inclusive, a inteligência dos jogadores.

Naquela Copa estreou um jovem atleta negro de 17 anos que viria a se tornar um dos maiores do século: ninguém menos que Pelé. Ao lado dele, na ponta-direita, atuava Garrincha, famoso tanto pelos seus dribles desnordeantes quanto por sua ingenuidade. Ao aplicar o teste de inteligência Wais em Garrincha, Carvalhais chegou a uma conclusão desconcertante: a pontuação obtida pelo craque o situava na condição de limítrofe. O técnico do escrete, Vicente Feola, quis então saber se isso impedia Garrincha de jogar futebol. Carvalhais considerou que não, ao que Feola desabafou: "Ainda bem que ele pensa com os pés". O psicólogo também considerou o garoto Pelé imaturo demais para enfrentar uma Copa. Sua avaliação final teria resultado na recomendação de que os dois craques fossem para o banco de reservas, no que foi atendido por Feola. E foi assim que, até o terceiro jogo, o time brasileiro enfrentou seus adversários sem suas estrelas emergentes.

Quando afinal Pelé e Garrincha puderam pôr os pés na bola, deixaram a galera planetária de queixo caído. E foi só depois que a Copa terminou, com uma belíssima vitória brasileira, que a imprensa quis saber por que, afinal, Feola

não havia escalado aquelas feras desde o primeiro jogo. A culpa foi parar nos ombros de Carvalhais, ou melhor, da psicologia, que desde então foi afastada da Seleção Brasileira para só no ano passado, 40 anos depois, voltar a ser valorizada, quando o piripaque emocional de Ronaldinho afetou o entrosamento da equipe na disputa pela Copa da França, levando o Brasil à derrota. Outra vez a imprensa quis saber de quem era a culpa, e por que raios a equipe técnica da Seleção Brasileira não dispunha de um psicólogo...

Como por trás de toda lenda há um rastro de verdade, a história de Carvalhais parece mesmo ter marcado o afastamento da psicologia do futebol brasileiro e, pela sua importância referencial às outras modalidades, nesses anos todos. Tanto é que, do caso Ronaldinho para cá, a coisa mudou bastante e a psicologia tem aparecido cada vez mais, enfatizada por exemplo pela presença da psicóloga Suzy Fleury na equipe da Seleção. Em 1998, ao vencer a Copa do Brasil com o Palmeiras, o técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão, fez questão de dedicar publicamente a conquista à psicóloga que o assessorou por três anos: Regina Brandão.

Também é importante ressaltar que, nessas quatro décadas, os instrumentos de psicodiagnóstico de atletas tornaram-se completamente diferentes daqueles empregados na época pioneira de Carvalhais, profissional que pode ter sido mais uma vítima de estigmatização que um algoz, como registrou a mídia, desde sempre sensacionalista. Com a ajuda de instrumentos sofisticados, o trabalho do psicólogo hoje tornou-se mais objetivo. Empregados para identificar lideranças, delinear perfis ou canalizar agressividades para a competição, esses instrumentos são usados sempre com base em respaldo teórico. "Sem a teoria não fazemos nada. Ela nos fornece referenciais para intervenções, dinâmicas de grupo, processos de motivação e nas avaliações. Não é só observar, medir e concluir. Temos de saber com quais conceitos humanos estamos trabalhando", distingue Katia Rubio.

### Políticas públicas

# Profissionais debaterão o papel dos conselhos sociais

Em tempos de real, a importância das políticas públicas parece empalidecer diante da avalanche de privatizações que acenam com melhorias provenientes da maior capacidade de investimento do setor privado e com a capacidade de regulação das leis do mercado. Não é de hoje que qualquer cidadão brasileiro tem como certo que tudo que é pago (médico, escola, transporte) é melhor, sendo a qualidade do serviço proporcional a seu preço. A consequência disso leva a um conformismo perverso diante do que é público, "de graça" e portanto de má qualidade.

Esquecemos que vivemos num "Estado de direito", em que todo cidadão brasileiro tem direito à saúde, à educação, à habitação, ao bem-viver, e que a esses direitos correspondem de

veres do Estado, que se concretizam por meio de políticas públicas. Garantindo a interlocução entre a sociedade civil, ou seja, os cidadãos que conhecem seus direitos, e os governos estaduais e municipais, existem os conselhos de controle social (conselhos estaduais e municipais de Saúde, de Ação Social, Tutelares, de Educação). Esses conselhos têm como objetivo implementar e fiscalizar as políticas públicas. Neles, têm assento diversos segmentos da sociedade civil.

Uma forma de contribuirmos com o fortalecimento desses conselhos é qualificando a participação dos psicólogos que deles fazem parte, potencializando ações que influem no desenvolvimento de políticas públicas. Em função disso, o CRP SP convocou conselhos profissionais de áreas afins (assistentes sociais, fonoau-

diólogos, enfermeiros) para organizar um evento que tem como meta agregar os profissionais que participam dos conselhos de controle social. Esse evento ganhou a forma de um seminário, que deverá ocorrer durante dois dias em fins de outubro, propiciando reflexões sobre o papel dos diversos conselhos de controle social nas políticas públicas atuais: seus limites e possibilidades. Pretende também subsidiar a participação mais consciente e qualificada dos profissionais ligados a esses conselhos. A programação será divulgada oportunamente. Solicitamos aos psicólogos do Estado de São Paulo membros de qualquer um dos mencionados conselhos que entrem em contato com a Comissão de Saúde (secretária Sílvia), manifestando seu interesse em participar do evento. ●

# Delitos de adolescentes: não há neutralidade possível

A verdadeira vocação da psicologia é estar ali, onde a dignidade do homem está ameaçada. Nessa concepção, não há neutralidade possível para o psicólogo frente à violência. A violência, que “unifica fatos sociais díspares”<sup>1</sup> e instala o medo social, nos faz sentir impotentes como cidadãos-psicólogos. Recuperamos nossa potência quando nos aproximamos das inúmeras e terroríficas expressões da violência, visíveis ou invisíveis porque naturalizadas como *modus operandi* da cultura. Só então podemos criar rotas, estratégias e conhecimentos que se transmutem em políticas, projetos e instrumentos que permitam aos indivíduos “reconquistar sua dignidade, operar seu desabrochamento e reassumir sua liberdade”.<sup>2</sup>

O delito – a expressão mais visível da violência – denuncia algo grave que acontece no tecido social e no próprio indivíduo. A delinquência tem sempre uma dupla face: “fala” do coletivo – os modos de organização da sociedade que produzem, mantêm, legitimam e estimulam a criminalidade e o fracasso dos mecanismos reguladores da convivência coletiva – e “fala” também da singularidade do autor do ato infracional – sua história pessoal, as violências que o vitimaram, a ruptura do pacto interno com a lei, seu sofrimento. O delito do adolescente revela múltiplas determinações: a distribuição desigual de rendas e de direitos de cidadania; a ausência de uma política para a juventude; a precariedade das políticas assistenciais para a criança e o adolescente em risco pessoal; a comunidade de convivência, que não se responsabiliza pelas suas crianças e jovens; a escola expulsiva; os meios de comunicação, que banalizam a violência; a família, que – inscrita na mesma base material e cultural da sociedade – não é um lugar de cuidados e fracassa no controle da conduta dos filhos.

O ato infracional do adolescente revela histórias de abandono, de trabalho precoce, de violência doméstica, de fracasso escolar, de erotização da infância, do uso e abuso de drogas, de ausência de perspectivas para o futuro... Revela a ruptura do pacto social, o esgarçamento de valores da coletividade, a existência de uma cultura da violência que produz esse adolescente também agente de violência. No caso do adolescente envolvido com a prática de delitos, é importante considerar que esse é um fenômeno universal. Está presente em países pobres e ricos, é um fenômeno histórico em nosso país (ver crônicas do século 19) e é um fenômeno transversal na sociedade, isto é, atravessa todas as classes sociais. É nesse contexto – articulada com outros saberes e profissionais das demais especialidades – que podemos situar a responsabilidade ética e política da psicologia e do psicólogo.

A contribuição da psicologia pode ocorrer de inúmeras formas, mas é no atendimento direto ao adolescente autor de ato infracional que muitos desafios se colocam, porque é ali que se realiza o exercício dos direitos; é ali que ocorre

a possibilidade de construção de um projeto de vida em ruptura com a trajetória do delito. Podemos então perguntar: como o psicólogo tem contribuído para a formulação dos programas e das ações de cada uma das medidas socioeducativas (prestação de serviços, liberdade assistida, semiliberdade, internamento) propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA? Como está a qualidade dos laudos, dos diagnósticos e estudos de caso? Quais as referências éticas (teóricas e técnicas) que se têm utilizado para dar orientações para o adolescente, sua família e demais trabalhadores envolvidos na tarefa do atendimento direto? Como ocorrem os encaminhamentos?

São questões importantes. Contudo, não esbarram na gravidade que constatamos hoje, 1999, no atendimento dos adolescentes autores de atos infracionais que cumprem medida socioeducativa de internamento no Estado de São Paulo, citado em pesquisa do Ministério da Justiça<sup>3</sup> como um dos três Estados brasileiros com “inadequação dos espaços para a execução das medidas privativas e restritivas de liberdade, em relação à demanda”. Essa precariedade está presente nas condições da estrutura

“O ato infracional do adolescente revela histórias de abandono, de trabalho precoce, de violência doméstica, de fracasso escolar, de erotização da infância, do uso e abuso de drogas, de ausência de perspectivas para o futuro...”

física dos internatos, na superlotação, na ausência de condições mínimas de vida digna. Se essas condições objetivas não são garantidas, não há como se enganar quanto à existência de um projeto educacional. Não há! As garantias preconizadas pelo ECA no atendimento do adolescente privado de liberdade não se realizam.

O cotidiano institucional desses adolescentes se caracteriza pelo confinamento. O modelo instituído e prevalente é o da instituição total: a docilização do corpo e da vontade. O uso equivocado do comportamento de submissão institucional como indicador do comportamento extra-institucional adequado às normas e leis sociais, e o uso de mecanismos repressivos e de contenção na prática do atendimento criaram, em junho deste ano, o Centro de Referên-

cia Terapêutica, em um dos pavilhões da UE-12 do complexo Tatuapé da Febem-SP, para confinar em celas individuais os adolescentes problemáticos das diferentes unidades.

O que o psicólogo tem a ver com isso? O psicólogo (não apenas o que trabalha no atendimento direto) está diretamente implicado como cidadão e profissional da saúde mental na busca de soluções radicais, em conjunto com a sociedade, com vistas a superar essa situação de desumanização dos adolescentes infratores. O psicólogo, quando se propõe como finalidade mistificar a violência através da técnica, auxilia a “preparar os indivíduos para que aceitem as suas condições de objetos de violência”<sup>4</sup> e se prostitui, porque esquece que a vocação da psicologia é estar ali, onde a dignidade do homem está ameaçada. ●

1 Jurandir Freire Costa; 2 Hilton Japiassú, *A Psicologia dos Psicólogos*, pág. 27; 3 *Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei – Reflexões Para uma Prática Qualificada*, Coleção Garantia de Direitos, Caderno 1, DCA; 4 Franco Basaglia

## Maria de Lourdes Trassi Teixeira

Psicóloga clínica, professora e supervisora de Psicologia Institucional – Criança e Adolescente da PUC-SP

Nas comemorações do Dia do Psicólogo – 27 de agosto – deste último ano do milênio, o CFP e os CRPs propõem uma reflexão sobre o tema

## Psicologia e compromisso social

Em cinco séculos de história, o Brasil evoluiu econômica e tecnologicamente, mas perpetua um quadro inaceitável de desigualdade social. No ranking do Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, elaborado pela ONU, o Brasil foi rebaixado para o 79º lugar entre 174 países avaliados, devido justamente à má distribuição de renda no país, que deixou de figurar entre as nações com alto nível de desenvolvimento humano. Nesta e nas próximas páginas, oferecemos um painel de experiências protagonizadas por psicólogos que, a despeito de todas as dificuldades, efetivam trabalhos sociais importantes tendo a psicologia como instrumento de melhoria da qualidade de vida



Dalka Ferrari (ao centro), com mães no Centro da Juventude da favela Paraisópolis, onde o trabalho do NRVV teve início em fevereiro

### Profilaxia

## Favelas buscam causas da violência

Tarde fria de uma quarta-feira, mês de julho, 16:30 horas. Num aparelho de TV instalado na sede do Centro da Juventude da favela de Paraisópolis, zona oeste de São Paulo, um grupo de pais, mães e educadores assiste atento ao desenrolar de uma cena de cinema: o ator Dustin Hoffman vive um pai divorciado diante do dilema de dissuadir seu filhinho de 7 anos a trocar uma bola de sorvete por um bife. Trata-se do popular *Kramer x Kramer*, de 1979. A curta cena termina feliz, com a vitória paterna. Está feito o “aquecimento”. A psicóloga Dalka Ferrari assume a palavra e introduz dois temas para debate pelo grupo: um pai é capaz de cuidar sozinho de seu filho? É possível educar sem apelar para a violência? Para os moradores da favela de Paraisópolis, assim como para os da maioria das regiões pobres da periferia da cidade, o assunto é polêmico, e Dalka já não se surpreende quando algum deles afirma: “A gente tem que bater num filho hoje para amanhã ele não apanhar da polícia”.

Dalka é a coordenadora do Núcleo de Referência às Vítimas da Violência, NRVV, ligado à Clínica de Psicologia do Instituto Sedes Sapientiae, instituição mantida por uma entidade pertencente às cónegas de Santo Agostinho e localizada no bairro de Perdizes, São Paulo. O Sedes é uma instituição com uma vasta folha de serviços de cunho social realizados no passado e no presente, seja através da Clínica ou dos cursos de psicologia e filosofia que oferece. A estrutura da Clínica é formada por equipes clínicas, centro clínico, setor de projetos e pelos núcleos de referência. Numa metrópole com problemas gigantes como São Paulo, as atividades do NRVV, envolvendo 16 psicólogos, ganham especial relevo.

“Nosso trabalho é profilático: discutimos com os pais a importância de serem estabelecidos limites para os filhos, de forma a levá-los à conscientização e à cidadania, e não à violência. Ao espancar o filho, o pai o ensina a reproduzir a violência”, argumenta Dalka. O trabalho externo do Núcleo (também são realizados

**Projeto** Prevenção da Violência Doméstica e Projeto Sapé de Ações Integradas  
**Realização** Núcleo de Referência às Vítimas da Violência, NRVV, da Clínica do Sedes Sapientiae  
**Total de atendidos** 690 crianças, pais e educadores (março 99)  
**Local** favelas de Paraisópolis, Sapé e Jaguaré  
**Início** 1997

atendimentos internos na Clínica) atinge hoje também as favelas do Jaguaré, em andamento há dois anos, e do Sapé, onde se desenvolve um “projeto piloto multiinstitucional”, em conjunto com a Vara da Infância do Fórum de Pinheiros, o Pró-Mulher e o Projeto Quixote, que aborda a questão da droga. Todos esses projetos são subsidiados pela Secretaria de Estado da Assistência e do Desenvolvimento Social.

Antes de iniciar os trabalhos numa favela, as psicólogas do Núcleo definem uma “porta de entrada”, que pode ser uma igreja ou uma instituição educacional. O contato direto com a população acontece em “equipamentos de educação”, ou seja, as creches e os Centros da Juventude, CJs, mantidos por convênios com a Prefeitura e que oferecem atividades educativas e de lazer, além de alimentação, a crianças e adolescentes fora de horário escolar. Em Paraisópolis, 700 crianças são atendidas pelas creches e CJs.

O trabalho do NRVV tem metas anuais e volta-se inicialmente para os técnicos e, em seguida, simultaneamente, para os pais e as crianças ou adolescentes. “Levantamos várias questões familiares, como alcoolismo, abandono do lar, maus-tratos e violência, em oficinas e dinâmicas de grupo, usando sempre várias técnicas de aquecimento, como psicodrama e vídeos. O atendimento direto só acontece em último caso”, define a psicóloga. Há sempre uma pesquisa no início e no final das atividades anuais, o que permite uma avaliação de resultados, que tem sido bastante positiva. A meta final? Dalka afirma que, “depois de sensibilizados, os grupos são estimulados a buscar recursos na própria comunidade para dar continuidade aos trabalhos com autonomia, batalhando sempre por melhores condições de vida. Queremos despertar neles a consciência de cidadãos”. ●



## Drogas

# Terapia em comunidade

O que é que atividades como reciclagem de lixo e feira de sucata, teatro amador ou oficinas artesanais têm a ver com prevenção ao uso de drogas? Na opinião das psicólogas Sônia Maria Marcondes Licursi e Marilena Pinto França e da psiquiatra Luizemir Carvalho Lago, têm tudo a ver. Criadoras do Núcleo de Assistência em Ação Preventiva, Naap, elas vêm há dois anos desenvolvendo um projeto de Prevenção ao Uso Indevido de Álcool e Outras Drogas junto aos cerca de 110 mil moradores dos 400 prédios que formam o Conjunto Habitacional José Bonifácio, no bairro paulistano de Itaquera, cuja tônica é, ao contrário do que apregoam os métodos mais usuais, falar o menos diretamente possível do assunto.

“Sabemos que se trata de uma região com muitos traficantes e usuários, mas não batemos de frente com eles. Vamos tratando o tema pelas bordas. Quando convidamos a comunidade para participar de atividades não é para ouvir uma palestra antidrogas, mas para ver uma exposição feita pelas crianças dali, para participar de uma festa junina ou para assistir a uma peça de teatro, e no meio disso o tema emerge por vontade deles próprios”, comenta Marilena. Essa é a diferença fundamental do trabalho dessas “terapeutas comunitárias” em relação aos projetos de prevenção convencionais, que trabalham com a perspectiva de tentar modificar o drogado, contra-atacando com informações sobre os males e os perigos da droga. “Nosso trabalho é reforçar o lado sadio da comunidade. A droga está aí, e as pessoas devem saber o risco que correm ao usá-la. Têm que ter clareza disso. Queremos formar cidadãos que saibam discernir”, acrescenta Luizemir.

O trabalho de prevenção à droga realizado pelas profissionais do Naap é financiado pelo Centro de Educação Comunitária do Trabalho, do Senac de São Paulo, que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida das comunidades atendidas. Teve início em 1997 no Centro de Tecnologia Educacional, dirigido a empresas e escolas da Vila Penteadão. No ano seguinte, elas se transferiram para o Conjunto José Bonifácio, criado há 20 anos pela Cohab e que hoje abriga uma população de classe média baixa, com índice altíssimo de desemprego.

O primeiro passo foi fazer uma pesquisa com o objetivo de ter “uma panorâmica da situação e construir nossa autorização para entrar na comunidade”, afirma Sônia Licursi. Num universo de 100 entrevistados, 100% afirmaram que a droga prejudica a qualidade de vida – e 49% disseram isso espontaneamente. Esses e outros resultados foram apresentados num evento à comunidade ao mesmo tempo em que se propunha como alternativa a realização de um curso de capacitação à prevenção. Dos inscritos, três dezenas foram certificados como “agentes comunitários de prevenção de drogas”.

Na verdade, foi aí que começou de fato o trabalho das terapeutas. “O projeto tem vários módulos, e nessa fase nosso principal objetivo era capacitar líderes comunitários para pensar a questão da droga. Feito isso, o trabalho explode”, entusiasma-se Marilena. Qualquer pessoa pode participar, mas a expectativa não está em aliciar usuários. “Esses dificilmente aparecem, porque é muito raro o usuário pedir ajuda. Só faz isso quando está à beira da overdose.”

As ações que esses “agentes de prevenção” desenvolvem são as mais diversas, e pensadas pelos próprios moradores. “Nós vamos apenas instrumentalizando, discutindo conceitos de prevenção, questões familiares e escolares e, à medida que eles falam, podemos ir entendendo qual é o problema”, conta a psicóloga. Há um ano que os agentes “multiplicadores” vêm disseminando seus projetos no José Bonifácio. Alguns foram pra frente, outros não. “Tudo bem, funciona assim mesmo”, diz Sônia. Entre os que estão em andamento, há o projeto União, Limpeza e Saúde, que deseja montar uma oficina de papel na qual as crianças reciclariam seu próprio lixo; o Gravidez na Adolescência, que gerou um vídeo sobre gravidez, sexualidade e droga; Violência e Drogas, que discute principalmente a violência nas escolas; e o Mamãe na Escola, uma oficina de trabalhos manuais formada por mães e alguns pais. “A coisa emerge deles, esse é o diferencial. E como os projetos nascem do desejo deles próprios, vamos trabalhando com essa estrutura que deseja. A própria comunidade dá o instrumental para falar a linguagem dela cada vez com mais fluência”, garante Luizemir. ●

“Falar apenas droga, droga é pior. Aguça a curiosidade. No nosso trabalho, as drogas pegam carona em outros temas. Estimulamos que sejam cidadãos críticos e façam boas escolhas. Não somos caretas; não ensinamos a dizer não às drogas. Com adolescentes, não adianta dizer ‘não pode’”

Marilena França

**Projeto** Prevenção ao Uso Indevido de Álcool e Outras Drogas  
**Realização** Núcleo de Assistência em Ação Preventiva, Naap, com patrocínio do Centro de Educação Comunitária do Senac-SP  
**Total de atendidos** 3.200 pessoas  
**Local** Conjunto Habitacional José Bonifácio, Itaquera, São Paulo  
**Início** 1997

Marilena, Luizemir e Sônia, em frente ao Conjunto Habitacional José Bonifácio: 110 mil habitantes



## Sexualidade

# Uma rede para disseminar a prevenção

Jovens conversando com jovens. Esse é, em essência, o espírito que norteia o Projeto Trance essa Rede, desenvolvido há três anos pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, GTPOS, criado em 1987 por iniciativa da psicóloga Marta Suplicy, hoje sua presidente do honra. Entre os vários projetos desenvolvidos pelo grupo, o Trance essa Rede tem alcançado repercussão especial não apenas por ter se mostrado eficaz, mas por sua abordagem diferenciada na mobilização de adolescentes para prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, as DST.

“Trabalhamos com sexualidade e prevenção, visando reduzir a infecção entre jovens, tendo como estratégia a capacitação do próprio adolescente como multiplicador da ação educativa. O que eles aprendem num primeiro momento repassam para outros adolescentes numa segunda etapa, tudo na linguagem deles. Assim o caminho fica mais curto”, explica a psicóloga Beth Gonçalves, coordenadora do projeto. Os jovens e adolescentes que participam do Trance vêm de escolas particulares, públicas ou de comunidades pobres. Não precisam necessariamente ser estudantes. Em grupos, participam de oficinas e desenvolvem atividades, sempre assessorados pelos profissionais do GTPOS, que são psicólogos ou pedagogos. “A psicologia entra porque o profissional dessa área aprendeu a trabalhar com pessoas, grupos e detém conhecimento sobre sexualidade. Mas os pedago-

gos contribuem com um olhar complementar fundamental”, ela afirma.

Atualmente, o Trance integra 90 adolescentes e jovens (até 18 anos) na função de coordenadores, vindos de classes sociais, contextos de vida e educação diferentes. A proposta é justamente ensiná-los a conviver com a diversidade, seja de etnia, classe social ou gênero. Quase metade deles é da comunidade carente de Heliópolis; os demais espalham-se em cinco núcleos localizados nas regiões sul e sudoeste da cidade. Esses adolescentes “multiplicadores” recebem ajuda de custo e taxa de coordenação. Quem banca os custos é o Ministério da Saúde, através da Coordenação de DST-Aids. “Quando se tornam coordenadores, acabam aprofundando mais as informações e questionamentos. Também conquistam um espaço diferenciado, sentem-se importantes e se percebem como sujeitos sociais”, avalia Beth.

A metodologia de trabalho do GTPOS pode ser dividida em três etapas: as oficinas de sensibilização para começar; em seguida vem a supervisão, com 30 horas de atividades, quando são

**Projeto** Trance essa Rede  
**Realização** Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, GTPOS  
**Total de atendidos** 1.800 pessoas  
**Local** comunidades das zonas sul e sudoeste de São Paulo  
**Início** 1997

discutidas estratégias de multiplicação, e por fim a visibilidade das ações, quando os grupos organizam seminários e encontros pela cidadania. Um desses eventos já entrou para o calendário: é o Encontro Paulista de Adolescentes, EPA, que tem nova edição entre 13 e 15 de agosto. “É preciso ser participativo para ser efetivo. Usamos jogos interativos, teatro, palestras, dinâmicas de grupo, vídeos, cartilhas, folhetos, tudo visando à troca de conhecimentos e à reflexão para nossos temas centrais, que são a sexualidade e os recursos de que dispomos para enfrentar a epidemia.” O resultado pode ser medido em números: 1.800 jovens atendidos em três anos. ●

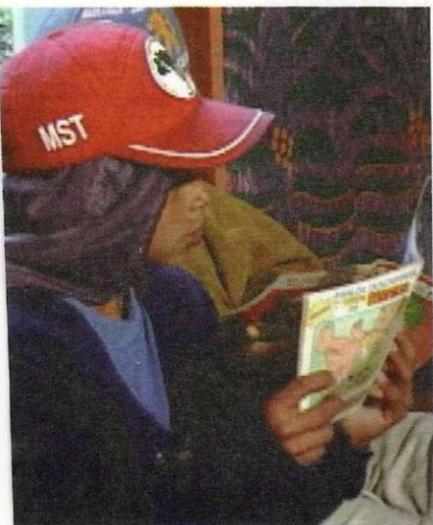


Na Praça da Sé, jovens do Trance essa Rede manifestam-se no Dia Mundial de Luta contra a Aids

Divulgação

## Mediação

# Sem-terra viajam através dos livros



Garoto do MST na Biblioteca “Viagem ao Céu”

O desejo de tornar os livros acessíveis àqueles que não têm o hábito de ler foi a motivação inicial que aproximou a psicóloga Magda Gebrim dos moradores do Assentamento Carlos Lamarca, do Movimento dos Sem-Terra, situado no município de Sarapuá-SP. “A leitura é fundamental para reforçar o pensamento próprio e criativo. Ela organiza uma visão crítica e ampla do mundo, além de propiciar o acesso à informação e à produção cultural da humanidade”, ava-

lia a psicóloga. E foi essa motivação que levou à criação da primeira biblioteca de um assentamento do MST, inaugurada em 3 de julho com o nome de Viagem ao Céu, homenageando Monteiro Lobato.

Tudo começou de forma casual. Em uma visita ao assentamento, meses atrás, Magda levou uma caixa de livros e a deixou num canto, pensando em comentar o material numa próxima visita. Quando retornou, alguns assentados já tinham improvisado uma forma de empréstimo dos livros. Entusiasmada, a psicóloga procurou o Setor de Educação do Assentamento e propôs a criação da biblioteca. Com o apoio de dezenas de entidades civis, como a Fundação Abrinq, Sindicato dos Psicólogos e CRP SP, além da sociedade civil, a biblioteca tornou-se realidade.

Ainda que o objetivo da Viagem ao Céu seja despertar o gosto pela leitura entre os assentados, o esforço maior de envolvimento se concentra nas crianças. A fim de melhor estimulá-las, Magda propôs a intermediação da figura dos “mediadores de leitura”: membros do Setor de Educação do assentamento estão sendo capacitados pela psicóloga para funcionar como “pon-

tes” levando as crianças aos livros. “Esse trabalho de mediação é espontâneo em famílias que cultivam o hábito da leitura. Se dá, por exemplo, quando a mãe ou o pai lêem histórias para as crianças dormirem. Mas nas famílias em que esse hábito não está instalado – e nem se instalará pela simples posse de livros – torna-se necessário o trabalho do mediador de leitura”, ela explica.

O trabalho dos mediadores é distinto do realizado por outros “contadores de histórias” porque se fundamenta na visão da criança como sujeito. Ela deve escolher o livro que lhe interessa e interagir durante a leitura comentando-a com o mediador, contando suas próprias histórias ou pedindo para que pare de ler. Os “contadores de história” convencionais evitam que o foco da ação caia sobre a criança, uma vez que “a liberdade é imprevisível”.

O objetivo maior da psicóloga, agora, é estender seu trabalho a outros assentamentos do MST. “Infelizmente, não temos ainda nenhum projeto desenhado, mas nosso trabalho despertou interesse. Não sei como será viabilizado, mas vontade não falta”, declara. ●

**Projeto** Mediação de Leitura  
**Realização** psicóloga Magda Gebrim  
**Total de atendidos** 60 famílias assentadas  
**Local** Assentamento do MST em Sarapuá, SP  
**Início** 1999

# Esporte para formar cidadãos

Desenvolvido juntamente com a Universidade de São Paulo, através das Faculdades de Psicologia, Educação Física e Nutrição, o Projeto Esporte e Talento é parte de um projeto maior mantido pela Fundação Ayrton Senna, chamado Educação pelo Esporte. Ganhou repercussão na mídia pela eficácia que vem obtendo em sua meta de estimular talentos de crianças e adolescentes, tendo como mote o esporte. O projeto atende hoje cerca de 500 crianças e adolescentes, na faixa dos 9 aos 17 anos, moradoras nos bairros e favelas (San Remo, Jaguaré e Ceasa) situados em torno do campus da USP. "Inicialmente, a idéia era apoiar crianças talentosas no desenvolvimento de habilidades esportivas. Mas, aos poucos, isso foi cedendo lugar a um conceito mais amplo, que é garantir às crianças uma ação complementar à escola qualificada", conta a psicóloga Cenise Monte Vicente, coordenadora de Projetos da Fundação Ayrton Senna.

"As crianças e jovens são ocupados em períodos complementares à escola, e seu desenvolvimento é trabalhado através de ações associadas. O esporte entra como ferramenta de desenvolvimento, porque não queremos formar atletas, mas cidadãos", afirma Cenise. A condução do Talento fica a cargo do Centro de Práticas Esportivas da USP, Cepeusp, numa abordagem multidisciplinar subsidiada por diversas áreas de formação da Universidade. Os jovens recebem atendimento psicológico, alimentação e acompanhamento pedagógico em oficinas de várias disciplinas.

O Talento, assim como a maioria dos cinco grandes projetos em andamento mantidos pela Fundação, é exemplo de inserção da psicologia na área social porque envolve o trabalho de quatro psicólogos e 15 estagiários da área. E essa ênfase na psicologia se repete em todos os projetos da Fundação. Por quê? Cenise explica: "O modo de agir de uma instituição articula-se com seu modo de ver e pensar. Nosso modo de ver considera a subjetividade de todos os envolvidos, adultos e crianças, indivíduos e instituições;

por isso, acreditamos que os saberes acumulados sobre dinâmicas individuais e coletivas podem contribuir significativamente nos processos de transformação e promoção social. De modo que a psicologia tem uma presença transversal nos nossos programas. Em alguns, essa presença torna-se mais evidente, como na Brinquedoteca Terapêutica. A importância do brincar no tratamento de crianças com câncer ou do reforço à auto-estima no programa de aceleração de aprendizagem são exemplos bem claros de aplicação da psicologia em nosso trabalho".

Cenise não nega, contudo, que a formação de Viviane Senna Lalli, psicóloga formada pela PUC-SP, irmã do campeão Ayrton Senna e presidente do Instituto, tenha exercido um papel decisivo nesse enfoque. "O fato de a maioria em nossa equipe ser formada em Psicologia

de algum modo influencia nas direções que tomamos. Mas nem sempre determina a existência de um setor de psicologia nos projetos. Em geral, as equipes são multidisciplinares." A cada ano, a Fundação tem ampliado seus investimentos. Começou em 1995 com R\$ 918 mil. No ano passado, foram investidos R\$ 8,651 milhões, sempre trabalhando em parceria com empresas, organizações governamentais e não-governamentais, enfim instituições que compartilham os mesmos objetivos de promoção da infância e adolescência. ●

**Projeto** Esporte e Talento  
**Realização** Fundação Ayrton Senna e USP  
**Total de atendidos** cerca de 3.200 pessoas  
**Local** região de entorno da USP  
**Início** maio 1995



Jovens atendidos pelo Projeto Esporte e Talento

## Psicodrama

# A loucura à solta nas ruas

Extramuros: o nome resume bem a proposta que norteia o trabalho de um grupo de psicodramatistas paulista cujo trabalho teve início ainda em 1984, no tempo das Diretas-Já (o nome definitivo só foi adotado em 1996). Utilizando recursos que o método psicodramático oferece e abordando sempre um tema social, o Extramuros propõe-se a ajudar as pessoas a romperem os limites dos seus egos e atingir o coletivo. Bem longe das quatro paredes de um consultório, os psicodramatistas do grupo realizam teatro espontâneo em ruas e espaços abertos da cidade de São Paulo.

"Os psicólogos devem abrir espaço para uma atuação social mais ampla. Pretendemos ajudar cada indivíduo a pensar, em grupo, coisas que sozinho ele talvez não consiga. Queremos ampliar os horizontes do psicodrama e que, em vez de esperar que a comunidade venha até os psicodramatistas, nós nos dirijamos a ela", relata a psicóloga Regina Monteiro, fundadora e coordenadora do Extramuros. Entre as questões abordadas pelo grupo, ela destaca a violência, a Aids, o desemprego, a mulher, o negro e a luta antimanicomial.

O método do teatro espontâneo consiste em criar uma peça, sem roteiro predefinido, na qual o público atua como autor e também como ator. O trabalho é dividido em três etapas: "aquecimento", desenvolvimento e comentários. Durante o "aquecimento", Regina informa as platéias, lançando perguntas sobre o próprio teatro espontâneo e contando a história do criador do psicodrama, o austríaco Jacob Levy Moreno. As dramatizações são iniciadas de forma a surpreender o público. Em seguida, o grupo cria situações de envolvimento, chamando o público a intervir, opinar e a entrar em cena em variados papéis. Na última etapa, todos são convidados a comentar a peça e a contar histórias pessoais.

Uma vez que as pessoas envolvidas num teatro de rua dificilmente são reencontradas, os resultados práticos do trabalho são de difícil avaliação. Ainda assim, Regina acredita no que faz e considera o psicodrama o único método capaz de permitir uma intervenção terapêutica eficaz de curtíssimo prazo. "Podemos dar um recado terapêutico em duas horas", explica, ponderando que durante os comentários

constata que as pessoas refletiram sobre o tema. "Compartilhar experiências é por si só um ato terapêutico", resume.

Os psicodramatistas do Extramuros não recebem qualquer remuneração pelo que fazem. Até os equipamentos que têm usado nas peças é obtido por empréstimo de alguma entidade, e o sistema de som que estão planejando comprar será bancado pelos próprios bolsos. Além das dificuldades financeiras, o Extramuros enfrenta o problema da cessão de licenças para atuar nas ruas. Antes de qualquer intervenção, precisam obter um alvará da Prefeitura, que em geral lhes tem sido garantido graças ao respaldo de instituições públicas, como a Secretaria Municipal de Cultura, o PT, a CUT e o CRP SP. ●

**Projeto** Psicodrama nas Ruas  
**Realização** Grupo Extramuros  
**Total de atendidos** indefinido  
**Local** ruas da cidade de São Paulo  
**Início** 1984

# O lugar de moradia é parte da **identidade** de cada um

Psicologia ambiental é uma área de especialização que ganha relevo cada vez maior na psicologia. Ocupa-se do estudo da relação do indivíduo com o meio ambiente (e vice-versa), em seus aspectos sociais e físicos. Surgiu nos anos 70, quando a questão ambiental passou a preocupar o mundo, e tem por objetivo elaborar conhecimentos científicos com amplas finalidades, como orientar as intervenções ambientais, o planejamento urbano, as ações em casos de catástrofes naturais e a adoção de comportamentos favoráveis à preservação do ambiente.

Um dos maiores especialistas da área, autor de "A Agressão" (Ática, 1991), Gabriel Moser, professor do Instituto de Psicologia da Universidade René Descartes-Paris V e diretor do Laboratório de Psicologia Ambiental ESA 8069, Centre National de Recherche Scientifique, CNRS, esteve em São Paulo neste mês de agosto visitando a PUC-SP e deu a entrevista que segue ao **Jornal de Psicologia CRP SP**

**Psi** - A partir de quando surge a psicologia ambiental?

**Gabriel Moser** - Pode-se dizer que a relação do indivíduo com o meio físico encontra-se de maneira recorrente na psicologia, mais especificamente na psicologia social. Brunswick, trabalhando com percepção, fala de "psicologia ecológica" e Lewin, na teoria do "campo", concebe o ambiente como uma série de forças que se exercem sobre o indivíduo. Mas a psicologia ambiental, como campo da psicologia, surgiu apenas nos anos 70, com os livros de Proshansky "Environmental Psychology: Man and his Physical Setting" (1970) e "An Introduction to Environmental Psychology" (1974).

**Psi** - De que formas o ambiente afeta a psicologia dos indivíduos?

**Moser** - Pode-se falar em efeitos pontuais e efeitos a longo prazo. Por exemplo, um indivíduo pode ser molestado por certo barulho que não pode controlar, em certas condições e momentos; esse mesmo indivíduo também é afetado pelo modo de vida imposto por certas condições ambientais urbanas de longo prazo, como o transporte que utiliza, o barulho constante à sua volta, o stress do cotidiano etc. Não se pode dizer que o ambiente, em seus diferentes aspectos, afete sempre o indivíduo da mesma forma. Cada qual reage às condições dadas de forma diferenciada, e as reações vão depender da relação que cada um tem com sua situação e com o ambiente em geral. Se um indivíduo gosta do lugar em que vive, está predisposto a suportar melhor as dificuldades que o afetam do que aqueles que não gostam de viver onde vivem. A relação com a moradia é um conceito-chave na psicologia ambiental, que pode explicar muitas reações das pessoas frente ao ambiente imediato.

**Psi** - Indivíduos expostos ao ambiente urbano têm predisposições psíquicas diferentes dos que vivem em meios rurais?

**Moser** - Os indivíduos expostos ao ambiente urbano não têm predisposições diferentes. Tudo depende da razão pela qual eles vivem num ambiente urbano. Viver em uma grande metrópole pode ser o resultado de uma escolha, porque ali há mais oferta de trabalho, mais diversão, mais heterogeneidade de pessoas com as quais se pode ter encontros interessantes. Pode também ser resultado de uma necessidade, e não de opção. É óbvio que os constrangimentos urbanos não são vividos por todos da mesma maneira.

**Psi** - O uso de drogas, entre elas o álcool, estaria mais associado ao ambiente urbano?

**Moser** - O uso de drogas e álcool não tem que ver com o ambiente senão indiretamente, quando o indivíduo não se sente bem onde vive e com quem convive. Mas poderia ser considerado, em alguns casos, como signo de uma má adaptação ao ambiente. De maneira geral, é uma maneira individual de reagir aos problemas pessoais. Por isso, não há mais drogados nem alcoólatras nas cidades do que em outros ambientes.

**Psi** - A visão do campo como lugar paradisíaco é apenas mitificação romântica ou ele oferece melhores condições para um equilíbrio mental?

**Moser** - O desejo de viver no campo, a idealização da vida rural, conduz muitas vezes a decepções, ao ser realizado. Alguém que foi criado no ambiente urbano tem muitas dificuldades para suportar a ausência de estímulos, característica da vida campestre. Ao contrário, alguém criado no campo muitas vezes conserva essa identidade rural e tem problemas de adaptação à vida urbana. Muitas vezes sonha voltar ao ambiente rural, se não encontra compensações na vida urbana. O equilíbrio se encontra quando se vive onde se quer viver, seja no ambiente rural ou urbano, e assim se encontram satisfações que não se podem encontrar em outro lugar.

**Psi** - Como o individualismo da vida nas metrópoles afeta a saúde mental das pessoas?

**Moser** - A vida nas grandes metrópoles favorece sim o individualismo, fato que pode muito bem convir a certos indivíduos. O individualismo é mais possível nas grandes cidades porque ali as pessoas podem permanecer anônimas. Encontra-se muita gente que nunca se viu antes e nunca mais se verá outra vez. Se alguém prefere ser anônimo pode sê-lo, mas pode também criar muitas amizades, muitas mais que num ambiente rural. As grandes cidades oferecem mais possibilidades, entre elas o fato de as pessoas serem tolerantes e permitirem mais que cada qual se comporte como queira. Dá-se menos atenção à originalidade e à anormalidade.

“A relação com a moradia é um conceito-chave na psicologia ambiental, que pode explicar muitas reações das pessoas frente ao ambiente imediato”

**Psi** - Como o senhor analisa o fenômeno das "tribos urbanas"?

**Moser** - Não creio que haja mais tribos no meio urbano que no rural. Há, na verdade, mais pessoas nas grandes cidades, o que torna os grupos mais visíveis. O problema dos adolescentes é o mesmo nos dois ambientes, mas talvez eles encontrem no meio urbano mais facilidades de se exprimir de maneira coletiva.

**Psi** - *Stress e doença do pânico são males que independem do ambiente?*

**Moser** - O stress é certamente ampliado no meio urbano. Na cidade, o indivíduo, além de ser exposto ao stress do trabalho, é mais frequentemente confrontado com condições especificamente ambientais que produzem stress: o ritmo de vida é mais rápido, há mais problemas para se ter acesso a vários tipos de serviço, o indivíduo passa cotidianamente mais tempo em meios de transporte, há mais barulho e mais densidade populacional, o que leva os indivíduos a um confronto permanente com a presença dos outros, com menor possibilidade de se isolar. Pode-se considerar que o indivíduo, no ambiente urbano, enfrenta mais pressões e tem menos momentos de descanso.

**Psi** - *O ambiente das metrópoles tem papel fundamental em revoluções comportamentais, como o feminismo ou o movimento gay?*

**Moser** - Esses fenômenos resultam indubitavelmente das condições urbanas, no sentido de que o ambiente urbano é menos normativo e menos conservador, favorecendo a originalidade e a criatividade. A cidade é mais tolerante. Alguém considerado marginal num ambiente rural é mais facilmente aceito num meio urbano e tem mais chance de encontrar pessoas que atuam ou pensam da mesma maneira que ele, devido à grande diversidade da população.

**Psi** - *O meio ambiente estimula o aumento da violência e do vandalismo nas metrópoles?*

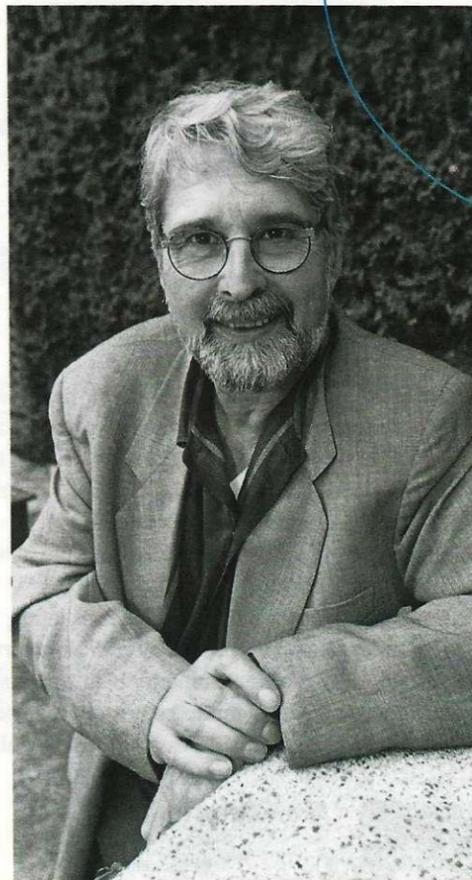
**Moser** - Violência e vandalismo são coisas diferentes. A violência é favorecida nas cidades, principalmente pelo anonimato. O anonimato faz com que todos sejam mais indiferentes aos acontecimentos, tendendo a não intervir. Cada um por sua própria conta. Além de ser dificilmente identificado, o criminal pode então, muitas vezes, contar com a indiferença das testemunhas. Essa indiferença aumenta o medo das pessoas que querem intervir. Elas também não podem contar com a ajuda dos demais. Assim, favorecendo a individualidade, a cidade favorece também a indiferença de uns sobre o que ocorre com os outros. Já o vandalismo, expresso através dos grafites, por exemplo, pode ser considerado uma expressão de "posse" de uma área urbana. É assim como uma assinatura das tribos urbanas. Outros tipos de vandalismo podem ser resultado da não-aceitação de equipamentos públicos ou simplesmente expressão de um mal-estar.

**Psi** - *Como os desastres naturais afetam psicologicamente as populações?*

**Moser** - As conseqüências psicológicas de desastres naturais afetam profundamente os indivíduos, criando neles uma grande insegurança existencial. A moradia e os bens que cada um possui fazem parte de sua identidade. Por essa razão, as pessoas vítimas de desastres tendem a retornar ao local da moradia, ainda que isso seja perigoso e o deslocamento até o local ofereça muitas dificuldades.

**Psi** - *Como a relação entre território, aglomeração e privacidade afeta os comportamentos?*

**Moser** - A privacidade dos indivíduos se exprime essencialmente em suas habitações. Se o indivíduo se identifica com sua moradia, tende a se sentir em casa também na sua rua e em seu bairro, considerando-os como uma privacidade compartilhada com os vizinhos. Em psicologia ambiental, fala-se da apropriação do ambiente da moradia. Mais extenso do que se sentir "em casa" estando em sua moradia é o território do qual ele se apropria e no qual se sente em casa.



Gabriel Moser durante visita à PUC-SP

**Psi** - *Como os indivíduos reagem à crescente falta de privacidade no mundo?*

**Moser** - A privacidade é ameaçada pela densidade populacional. É mais difícil isolar-se em grandes densidades e conservar uma certa privacidade. Em relação à moradia, sabe-se também que existem diferenças culturais de necessidade de espaço de privacidade. Por exemplo, os asiáticos suportam melhor a densidade populacional que os ocidentais. A impossibilidade de poder ficar só e de ter um espaço de privacidade produz stress, mas não da mesma maneira para todos. Mas existem diferenças interindividuais: algumas pessoas necessitam mais dessa privacidade que outras.

**Psi** - *Como se dá a relação entre o indivíduo, sua casa e sua cidade?*

**Moser** - A casa é uma expressão da individualidade, e o lugar de moradia faz parte da identidade de cada um. Os psicólogos ambientais falam em identidade ambiental. O percurso residencial do indivíduo marca suas preferências ambientais e condiciona seu modo de apropriação do ambiente rural ou urbano. Também a casa, com o trabalho, fazem parte das necessidades fundamentais de cada indivíduo. A casa permite estabelecer raízes e sentir-se em segurança.

**Psi** - *De que forma uma população pode ser sensibilizada para uma conduta ecológica responsável?*

**Moser** - A sensibilização à conduta ecológica é complexa, porque implica numa maneira de atuar respeitosa, por um lado, e por outro num atuar projetando-se no futuro. Porque os efeitos das nossas condutas não são apenas imediatos, mas também de longo prazo, afetando não apenas o indivíduo, mas as gerações futuras. O problema essencial é que é sempre mais fácil atuar em seu próprio benefício do que em benefício da comunidade ou da próxima geração. A conscientização ambiental não é suficiente; a solidariedade muitas vezes aparece apenas quando a comunidade enfrenta dificuldades, tais como nos casos de escassez de água ou de catástrofes ambientais. Facilitar a prática das condutas ecológicas é uma das maneiras de torná-las eficazes. Essas condutas devem parecer mais fáceis e mais econômicas. Em geral, deve-se nesses casos combinar várias medidas para se obter resultados positivos.

Moser

# Projeto registra trajetória de psicólogos pioneiros

Registrar a trajetória dos pioneiros da profissão é o principal objetivo do Projeto Memória da Psicologia Brasileira, realizado com recursos da revista *Psicologia, Ciência e Profissão*, oriundos da contribuição de todos os 15 regionais e do CFP. Por meio da gravação de depoimentos em vídeo, o projeto propõe-se a preservar e divulgar histórias oficiais e outras ainda não contadas, porque pertencem à memória desses precursores. "Queremos contribuir para uma construção inclusiva e abrangente da identidade da psicologia brasileira", define a presidente do Conselho Federal de Psicologia, Ana Bock.

Em parcerias com universidades brasileiras, já foram produzidos os vídeos *Eliezer Schneider, o Afeto como Método* e *Franco Lo Presti Seminário*. O primeiro, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Uerj; e o de Seminário, pela Universidade Regional de Blumenau-SC, Furb. O CRP SP estará a partir deste segundo semestre envolvido diretamente no projeto, passando a produzir vídeos sobre os pioneiros do Estado de São Paulo.



## Mestre primordial

Eliezer Schneider participou da fundação dos principais institutos de ensino de psicologia no país e foi o primeiro brasileiro a ter mestrado em Psicologia. É autor de mais de 120 artigos, orientou em torno de 45 dissertações e teses e participou de cerca de 140 bancas de mestrado e doutorado. Com a morte de Schneider, em 26 de agosto, véspera do Dia do Psicólogo, no ano passado, as gravações dos

depoimentos sobre sua história não foram mais possíveis. Os produtores do vídeo optaram por recontar sua vida a partir de documentos e depoimentos de pessoas que trabalharam, estudaram ou conviveram com ele.

O professor Antônio Gomes, que lutou com Schneider pela criação do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, não mede elogios. "Na época, ele dirigia o Insti-

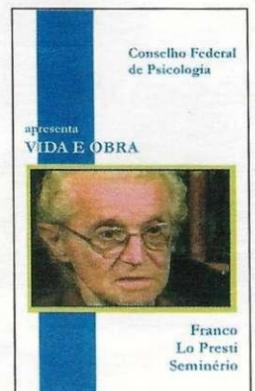
tuto de Psicologia e eu dirigia a Faculdade Nacional de Filosofia. Nos juntamos e ele se comprometeu a ceder salas do Instituto para o curso. Depois, Schneider entrou na área dele, que é psicologia social, e foi um dos colaboradores do curso mais brilhantes."

Na Universidade Gama Filho, Schneider trabalhou por 20 anos. De acordo com a professora Eliane, ele impressionava devido ao conhecimento amplo e diverso. "Sua presença nas bancas de dissertação era altamente enriquecedora, não somente para o mestrando como para todos que estavam assistindo." Roberto Rito, apresentador do vídeo, encerra a narração afirmando que "não seria exagero dizer que, depois de passar pelos principais institutos de psicologia e pelas principais universidades cariocas, grande parte hoje dos professores e psicólogos sociais foram um dia alunos de Schneider. A sala de aula era o local onde ele exercia duas de suas melhores habilidades: ensinar e fazer amigos".

## Sem afirmações ou certezas

Ele nasceu em Turim, Itália, em 20 de janeiro de 1923. Entrou na Universidade de Gênova para estudar Letras quando eclodiu a Segunda Guerra. Com o fim do conflito, percebeu que teria chances limitadas de trabalho, além dos recursos da família terem se esgotado. Seu cunhado, que era brasileiro, enviou-lhe uma carta sugerindo que viesse para o Brasil. Franco Lo Presti Seminário chegou ao Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1947 e sua trajetória marcou a psicologia brasileira, sempre com vocação social. Trabalhou voluntariamente em psicologia aplicada, orientando adolescentes carentes. Em 1962, foi convidado para trabalhar no Instituto de Seleção e Orientação Profissional, Isop, como psicólogo adjunto. Concentrou-se na psicologia cognitiva, porque acreditava que, para igualar as diferenças sociais, as diferenças intelectuais deveriam ser extintas.

"À medida que as classes proletárias pudessem ter um desenvolvimento intelectual igual ao das classes médias, teriam outros recursos para lutar e para se impor." Ao refletir sobre o desempenho atual da psicologia, Lo Presti não esconde incertezas. "Na parte teórica, acredito que a psicologia está hoje no nível da medicina quando esta estava em 1910. Talvez esteja fazendo uma caricatura, mas nós estamos cheios de dúvidas. O nosso trabalho nunca pode ser de afirmações e certezas."

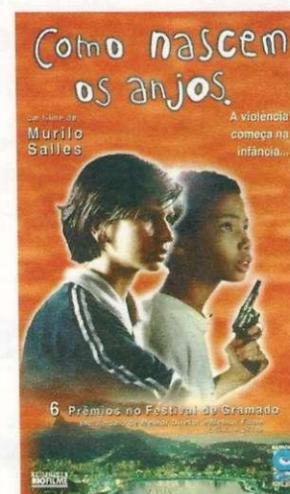


## Videoclube

# O cinema pela ótica da psicologia

A partir do próximo 27 de agosto, Dia do Psicólogo, têm início as atividades do Videoclube CRP SP. Em todas as últimas sextas-feiras de cada mês, às 19 horas, um novo filme será projetado, em suporte vídeo, no auditório da nova sede do Conselho, seguido de debate sempre contando com dois convidados: um psicólogo e outro de área diferente (como sociologia, filosofia etc.).

Em sua estréia, o Videoclube CRP SP exibirá, de Murilo Salles, *Como Nascem os Anjos*. Rodado em 1996, esse filme do mesmo autor de *Faca de Dois Gumes* e *Nunca Fomos Tão Felizes* aborda uma situação entre o patético e a tragédia. Uma família norte-americana que vive no Rio de Janeiro é circunstancialmente transformada em refém dentro de sua própria casa por um grupo, ao que tudo indica, de perigosos marginais. A polícia e a imprensa cercam o local e a tensão percorre toda a narrativa, que seria em nada diferente de tantas outras tramas policiais, não fosse o fato de os tais bandidos serem apenas frágeis crianças carentes acuadas pelo medo. Retrato contundente de um país embrutecido pela violência cotidiana, *Como Nascem os Anjos* é ao mesmo tempo cínico, terno e verdadeiro.



## Debatedores convidados

Isabel Khan, psicóloga, professora da PUC-SP e do Sedes Sapientiae  
Benedito Mariano, sociólogo e ouvidor da Polícia Militar do Estado de SP

Confirme sua presença na Secretaria do CRP SP



Divulgação

# A ousada aventura do encontro

**Pulsões de Vida,**  
de Radmila Zygouris, 126 páginas,  
Editora Escuta, 1999

Radmila Zygouris esteve em São Paulo no mês de março, dando-nos o prazer de compartilhar de sua escuta nos seminários clínicos realizados pela Livraria Pulsional e lançar o seu novo livro, "Pulsões de Vida". Essa analista "iconoclasta e de grande acuidade clínica" foi membro da Escola Freudiana de Paris (até sua dissolução por Lacan, em 1978) e co-fundadora de uma das mais interessantes revistas de psicanálise, o *L'Ordinaire du Psychanalyste*, que se caracterizou por publicar textos não-assinados por seus autores, com o objetivo de criar um espaço no qual a palavra pudesse circular livremente. Atualmente, participa do grupo Ateliers de Psychanalyse, do qual é um dos membros fundadores.

No Brasil, Radmila já é conhecida por seu livro "Ah! As Belas Lições!", publicado pela Editora Escuta, em 1995, quando nos introduziu no seu estilo peculiar em que, linha após linha, a experiência analítica volta a ser uma bela aventura, uma viagem, travessia do deserto - digamos - que vale a pena ser tentada, pois grandes são as chances de se sair diferente de como se entrou. Aventura essa que, como não cessa de lembrar, é vivida a dois, no encontro, razão pela qual é importante o analista poder falar sobre o que faz.

Neste seu novo livro, "Pulsões de Vida", a autora uma vez mais nos envolve em seus questionamentos, dificuldades e descobertas, de forma que por momentos tem-se a impressão de estar lendo um bom policial, e não um árduo texto de psicanálise. "Pulsões de Vida" é uma coletânea de seus quatro artigos mais recentes:

"O Amor Paradoxal ou a Promessa de Separação", transcrição de uma conferência realizada na Livraria Pulsional em 1997; "O Autóctone", artigo inédito de 1998; "Fluxo e Êxtase", publicado em *Episolettre* nº 16; e "Um Sonho de Ciência ou a Criança-mundo", publicado na revista suíça *Bloc Notes de la Psychanalyse* nº 15, em 1998.

Neste livro, fala do estado de saúde dessa velha dama indigna já centenária, que é a psicanálise, do psicanalista na pólis, da relação analítica e, principalmente, da tentativa de teorizar uma certa prática clínica que aposta na pulsão de vida, sem deixar de levar em conta um momento sequer a pulsão de morte. Já o seu estilo chama nossa atenção para o fato de que o tratamento analítico se funda numa relação intersubjetiva, na qual o analista também se deixa afetar, razão pela qual mostra os limites da dita escuta benevolente, contando como, em certos momentos, sente tédio, raiva, impaciência, exasperação. Ou então, quando a análise está estagnada e o paciente mal, como ousa se afastar do dito tratamento padrão para que algo se ponha em movimento.

Singular é também a sua maneira de vir a público falar de sua clínica perante seus pares, rompendo o silêncio quanto às práticas privadas, posição ética que julga fundamental, uma vez que todos nós sabemos que nem sempre o que fazemos coincide com aquilo que julgamos dever fazer.

**Caterina Koltai**  
psicanalista

## Estante

### Joyce McDougall

De Ruth Menahem. Biografia e exposição das principais idéias da psicanalista inglesa. Via Lettera, 160 páginas, R\$ 20.

### Medo da Vida

De Alexander Lowen. Reflexões sobre vida, morte, medo de amar e fracassos. Editora Summus, R\$ 26.

### Nova Perspectiva Sistêmica

Revista do Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro. Trata de terapia de família, feita por terapeutas da área. Tel.: (21) 266-6270.

### Destruição e Resgate do Feminino no Homem e na Mulher

Vários autores. República Literária.

### A Linguagem dos Sentimentos

De David Viscott. Balanço do mundo interior do indivíduo e análise da culpa, depressão, medo e ansiedade. Editora Summus, R\$ 16.

### Homossexuais da Bahia

De Luiz Mott. Dicionário histórico-biográfico de 202 gays da Bahia do século 16 ao 19. Editora Grupo Gay da Bahia, 150 páginas, R\$ 150.

### Evoluir ou Morrer

De Omar Franceschi. Teoria sobre o comportamento humano frente à vida. Editora Mercuryo, 128 páginas, R\$ 18.

### Energia Vital pela Bioenergética Suave

De Eva Reich e Eszter Zornânsky. Descrição do desenvolvimento e aplicação da Bioenergética Suave. Editora Summus, 154 páginas, R\$ 28.

## 1º Encontro de Psicologia sobre Violência e Políticas Públicas de Segurança

**Promoção: CFP e CRPs de MG, SP e RJ, de 14 a 16 de outubro**

"O Psicólogo tem sido chamado a participar do processo de democratização e construção da cidadania nas mais diversas áreas. Nas penitenciárias e nos tribunais, nas polícias e nas delegacias e no trabalho com grupos de excluídos, a presença e a prática da Psicologia marcam a possibilidade da construção de um caminho diferente, onde possam ser enfrentados a violência, o preconceito, a discriminação e a arbitrariedade."

**Inscrições:** psicólogos que trabalham em tribunais, penitenciárias, delegacias, conselhos tutelares e outras instituições ligadas à prevenção da violência podem inscrever seus trabalhos entre 20 de agosto e 10 de setembro nos Conselhos Regionais. Psicólogos que não apresentarem trabalhos podem fazer suas inscrições até 30 de setembro.

**Taxas:** R\$ 10 para estudantes e R\$ 20 para profissionais.

**Local:** Centro de Ensino Superior, CES, Juiz de Fora, MG.

**Informações:** ligue para o Conselho Regional mais próximo.

### Programação

#### 14 de outubro, quinta-feira

20:00 | Abertura

20:30 | Mesa: Direitos Humanos e Psicologia

#### 15 de outubro, sexta-feira

08:30 | Avaliação Psicológica: Usos e Abusos

Mesa: Ética da Avaliação Psicológica

Mesa: Clínica da Violência

10:15 | Apresentação dos trabalhos inscritos

14:00 | Acompanhamento Psicológico

Mesa: Acompanhamento de Crianças e Adolescentes em Situação de Risco e Famílias

Mesa: Acompanhamento em Sistemas Penais e Policiais

16:00 | Apresentação dos trabalhos inscritos

#### 16 de outubro, sábado

08:30 | Mesa: Violência e Políticas Públicas

10:15 | Apresentação dos trabalhos inscritos

14:00 | Mesa: Identidade do Psicólogo

16:15 | Plenária de fechamento - recomendações, propostas e organização

# Psicoterapia pela Internet

Embora para muitas pessoas a idéia de que é possível realizar terapia pela Internet seja estranha, para muitos cibernautas esse parece ser apenas o próximo passo a ser dado com naturalidade. Assim, começam a surgir psicólogos com alguma familiaridade com a Internet, desejosos de praticar alguma forma de psicoterapia mediada pelo computador. No entanto, a posição dos Conselhos de Psicologia é clara: não se reconhece ainda qualquer modalidade de "psicoterapia pela Internet" como prática profissional legítima. Ainda não foram feitas pesquisas suficientes sobre a questão. Mas uma nova prática nunca pode integrar a profissão? Pode, e deve seguir certos critérios. É preciso desenvolver pesquisas, e como se trata de pesquisas envolvendo seres humanos, devem seguir as normas do Ministério da Saúde para esses casos. As pesquisas não podem ser cobradas e devem ser aprovadas por uma comissão de ética reconhecida. Não basta que uma determinada pesquisa conclua que a prática é válida, pois deve haver um reconhecimento amplo da comunidade científica.

Quais são as perspectivas? Dois pontos são básicos: deve-se provar que a prática é eficiente e que é segura. No campo da segurança, devemos lembrar que o cliente tem direito à privacidade, o que é mais difícil de assegurar via telemática. Alguns têm feito propostas de atendimento por e-mail, sem assegurar a privacidade. Um e-mail parte de um emissor e, antes de chegar ao destinatário, passa por uma rede de computadores. Não somente *hackers*, mas também os administradores desses computadores podem interceptar, ler e eventualmente modificar os e-mails. Para assegurar a privacidade, é necessário que os e-mails sejam encriptados, dessa forma somente podem ser decodificados por seu destinatário. A encriptação também assegura que quem enviou o e-mail foi de fato o psicoterapeuta, e não outra pessoa.

Quanto à eficiência, são muitas as variáveis a considerar. Não podemos pensar somente nos recursos que a Internet oferece hoje, mas nas possibilidades futuras. Se a psicoterapia on-line mostrar-se eficiente como complemento à convencional, com comunicações por e-mails e chats, por exemplo, não quer dizer que neces-

sariamente seja eficiente ou segura com outras modalidades. Por exemplo, existe a possibilidade de criar ambientes virtuais em que muitos usuários se comunicam, como num chat, mas onde também se representam por um ou mais ícones ou imagens gráficas, isto é, personagens. Também podem modificar esses ambientes, criar objetos com comportamentos programados etc. Trata-se de MOOs e avatares, recursos ainda pouco divulgados no Brasil, mas que logo se disseminarão. As possibilidades criativas são imensas, mas é preciso ainda provar que uma sala virtual em um MOO ou uma relação terapêutica mediada por avatares são eficientes e, o mais importante, se são humanas.

Em cenários mais radicais, pode-se imaginar que não será um psicoterapeuta humano a entrar em contato com o cliente, por meio de seu avatar, mas um programa de inteligência artificial extremamente sofisticado. Um dos primeiros programas de inteligência artificial interativos foi criado por Weizenbaum e simulava uma terapeuta rogeriana. Embora para nós, hoje, esse programa pareça extremamente simples, na época em que foi criado surpreendeu muita gente, que reportava que o programa "de fato ajudava". Com as sofisticadas técnicas de inteligência artificial hoje em desenvolvimento, dentre as quais o conexionismo é somente uma, as possibilidades de criar um programa "terapeuta" aumentam muito. Estudos de interação mostram que a relação com o programa pode ser surpreendentemente realista. Será seguro aprovar esse tipo de relação supostamente "terapêutica"? Ou será que esses programas podem ser utilizados por grandes empresas ou governos para coletar informações de cidadãos? Uma das questões mais prementes e mal resolvidas hoje com a expansão da Internet é a pri-

vacidade. Como fica, enfim, nossa noção de individualidade quando a privacidade pode tornar-se uma quimera e a noção de subjetividade é permeada de máquinas e mercadorias?

Apesar desses perigos, imaginários ou reais, pode-se dizer que já existem pesquisas interessantes e sérias sendo feitas com a ajuda da realidade virtual, e há a perspectiva de integração entre realidade virtual e Internet em pesquisas do mesmo teor, com possibilidades positivas.

Para discutir essas e outras questões relacionadas, o CRP constituiu uma comissão sobre Psicoterapia e Internet, ou Atendimento Mediado pelo Computador. Em artigos futuros, outros pontos de vista presentes na comissão serão apresentados aqui. Envie também suas sugestões e pontos de vista sobre o tema.

## Links sugeridos sobre o tema:

### Realidade Virtual

<http://www.hospvirt.org.br/psicovirtual/port/pesquisa.htm>

### Avatares

<http://www.digitalspace.com/papers/av98ars.html>

### Sherry Turkle: Psicologia e cyberspaço

<http://www.mit.edu/afs/athena.mit.edu/user/s/t/sturkle/www/interviews.html>

### Elisa Sayeg

[cyborg@uol.com.br](mailto:cyborg@uol.com.br)

<http://sites.uol.com.br/cyborg>

## Orientação

# Atestado psicológico pode ser emitido para fins de licença-saúde

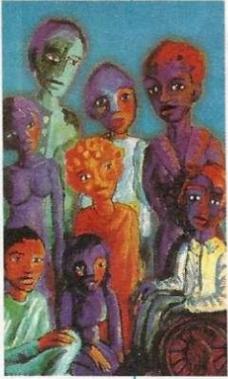
A Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 15/96, de 13/12/96, definiu que é atribuição do psicólogo emitir atestado psicológico para licença-saúde, desde que haja um diagnóstico psicológico, devidamente comprovado, que indique necessidade de afastamento do paciente de suas atividades de trabalho ou de estudo. O CRP SP sugere que, ao emitir esses atestados, os psicólogos se refiram à Resolução do CFP acima mencionada, a fim de fundamentar a oficialidade do documento.

O CRP SP tem recebido muitas consultas e pedidos de orientação sobre a possibilidade (ou não) de concessão desse documento pelos psicólogos, principalmente porque muitas empresas e instituições não os têm aceitado. Diante desses casos, o posicionamento do CRP

SP será de enviar correspondência às empresas, esclarecendo-as sobre a existência da regulamentação.

Informamos que o Conselho Federal de Medicina, CFM, ao tomar ciência da referida Resolução do CFP, posicionou-se favoravelmente à mesma. É fato também que, em maio último, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo, CRM-SP, emitiu um parecer claramente contrário à emissão de atestados psicológicos. Imediatamente o CFP entrou em contato com o presidente do CFM, Valdir Mesquita, informando-o da situação e obtendo dele o compromisso de revê-lo em sua plenária o parecer do CRM de São Paulo. Desse modo, os psicólogos devem considerar que vigoram as determinações da Resolução nº 15/96.

**Tire suas dúvidas sobre legislação, ética e regulamentação profissional escrevendo para a coluna Orientação, no endereço do CRP SP ou pelo e-mail [orientacao@crpsp.org.br](mailto:orientacao@crpsp.org.br). Consulte o site do CRP SP ([www.crpsp.org.br](http://www.crpsp.org.br)) ou ligue para o Centro de Orientação do CRP SP**



## Prêmios

### Prêmio Monográfico Helena Antipoff – Psicologia e Compromisso Social – Educação Inclusiva: Desafios, Limites e Perspectivas

Promoção: Conselho Federal de Psicologia.

Premiação: categoria Psicólogo – vencedor: R\$ 2.000; categoria Estudante – vencedor: R\$ 2.000. Inscrições até 30 de outubro.

Poderão participar psicólogos regularmente inscritos nos Conselhos Regionais de Psicologia, com monografias sobre o tema “Psicologia e compromisso social, enfocando os desafios, limites e perspectivas da educação inclusiva”. Trabalhos, acompanhados de nome, endereço, CPF ou RG, deverão ser entregues no endereço do CFP: SRTVN, Quadra 702, Edifício Brasília Rádio Center, Sala 402-A, CEP 70719-900, ou remetidos pelo Correio. Indicar na folha de rosto a categoria da inscrição. Deverão ser escritos em língua portuguesa, digitados em espaço dois, não exceder a 20 laudas e apresentar referências bibliográficas de acordo com as normas da ABNT. Deve conter um resumo de até 100 palavras em folha separada. Mais informações: tel. (61) 328-1814, e-mail federal@rudah.com.br.

## Cursos

### I Curso de Especialização em Neuropsicologia / Prof. Antônio Branco Lefèvre

Realização: Divisão de Psicologia e de Neurologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, SP.

Taxa de inscrição: R\$ 50;

duração: 2 anos (360 horas), às sextas-feiras, das 9 às 17 horas.

Informações: tel./fax 3069-6459, e-mail diphc@internetcom.com.br.

### Desenvolvimento do Projeto Moradia

Relato de experiência: dia 27 de agosto, com Nelson Corrozo.

### Formação em Psicanálise e A Clínica Psicanalítica e o Discurso Social

Realização: Centro de Estudos Psicanalíticos, CEP, São Paulo, SP. Gratuitos. Informações: tel. 864-2330 ou 3865-0017.

### O Inconsciente e o Grupo; Psicodinâmica dos Fenômenos Grupais; Comunicação e Vincularidade – Aspectos Intra e Intersubjetivos e Conversando com a Família – O Olhar do Terapeuta

Realização: Centro de Educação Permanente em Psicanálise dos Vínculos.

Horário: 6<sup>as</sup>, das 16h30 às 19h30.

Local: Rua Tupi, 590, Pacaembu, São Paulo, SP.

Inscrições e informações: tel. 887-0897, com Ricardo.

### Ciclo de Discussões aos Sábados

Organização: Projeto Humanidades 2000.

Pela manhã, leituras e reflexões de textos e, no período da tarde, apresentação de filmes em vídeo articulando os conceitos discutidos pela manhã.

Informações: Rua Baturité, 14, São Paulo, SP. Tel.: 3115-3799.

### Especialização em Psicodrama

Realização da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama, aos sábados.

Informações e inscrições: tel. 571-2602 ou 575-5994.

### Curso de Capacitação de Mediadores

Promoção da Sociedade de Psicologia de Campinas e Procuradoria Regional do Trabalho.

Em sete dias entre 18 de setembro e 21 de novembro.

Inscrições até 3 de setembro.

Fone/fax: (19) 289-3400.

# Agenda

## AGOSTO

### |16 e 17| Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho

Promoção: Rossi & Zilio Treinamento em Qualidade de Vida.

Local: Centro de Convenções da Fiergs, Porto Alegre, RS. Taxas de inscrição entre R\$ 240 e R\$ 340. Informações: tel. (51) 332-9293, fax (51) 332-8404, site www.racional.com.br.

### |19 a 21| II Congresso Brasileiro de Psicologia Hospitalar

Promoção: Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar.

Local: UFMG, Belo Horizonte, MG. Informações: tel. (31) 227-8544, fax (31) 227-1011, e-mail mnaner@netland.com.br.

### |24| 40 anos de Fundação da Clínica Psicológica da PUC-SP

Coquetel dançante para ex-alunos, às 20 horas, no teatro Tuca, São Paulo, SP.

Informações: tel. 3670-8419 / 8420.

### |24 a 27| III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica

Promoção: Associação Ibero-Americana de Psicologia Jurídica e Associação Brasileira de Psicologia Jurídica, das 8 às 18 horas. Tema central: discussão de questões psicossociais da atualidade.

Local: Universidade Mackenzie, São Paulo, SP.

Taxas de inscrição de R\$ 90 a R\$ 190. Informações: tel. 258-0229.

## SETEMBRO

### |2 a 4| IV Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional

Organização: Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, Abop.

Tema central: Vocação, Educação e Trabalho.

Local: Castelmor Hotel, em Florianópolis, SC.

Taxas de inscrição de R\$ 30 a R\$ 170. Informações:

tel. / fax: (48) 234-8850 ou pela Internet: www.cfh.ufsc.br/~abop.

### |16 a 18| I Congresso Brasileiro de Dinâmica Interpessoal e V Semana de Dinâmica de Grupos

Promoção: Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupo.

Local: Centro de Convenções da Fiergs, Porto Alegre, RS.

Taxas de inscrição de R\$ 325 a R\$ 600. Informações: tel. (51) 332-9293,

fax (51) 332-8404, e-mail racional@racional.com.br.

### |17 a 19| I Encontro Brasileiro de Psicoterapias Grupais

Promoção: Federação Brasileira de Psicodrama e Núcleo de Estudos em Saúde Mental.

Taxas de inscrição de R\$ 120 a R\$ 240. Informações: Rua Cardoso de Almeida, 23, conjunto 63, São Paulo, SP.

Tel. 263-3674, site www.febrap.org.br, e-mail info@febrap.org.br.

## OUTUBRO

### |8 a 12| 10º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social.

#### A Psicologia Social Brasileira e o Contexto Latino-Americano

Organização: Regional São Paulo da Abrapso. Durante o evento será entregue o Prêmio Ignácio Martin-Baró. Local: Instituto de Psicologia da USP, Campus Cidade Universitária, São Paulo, SP. Apoio: CFP e CRP SP.

### |21 e 22| Seminário Inclusão no Trabalho: Diagnósticos, Desafios, Perspectivas

Realização: Ceert, Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade e CRP SP.

Local: Espaço Empresarial,

Rua Frei Caneca, 1.308, Sala Uirapuru

Taxa de inscrição: R\$ 100,00 (profis.),

R\$ 50,00 (estudantes). Depósitos

Banco Itaú, Ag. 0048, Lapa, C/C

07446-2, a favor do Ceert

Fichas de inscrições no Ceert,

Rua Dr. Arnaldo, 2.083, Sumaré, SP

Cep 01255 000

e-mail ceert@uol.com.br

### |20 a 22| XI Congresso Estadual de Administração de Recursos Humanos

Realização: Associação Brasileira de Recursos Humanos do Espírito Santo.

Local: Centro de Convenções de Vitória, ES.

Taxas de inscrição de R\$ 130 a R\$ 470.

Informações: tel. (27) 225-0886,

fax (27) 324-8326,

e-mail abrhes@zaz.com.br.